

REPORTER

RIO, JUNHO DE 1978 — NÚMERO 7 — Cr\$ 10

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

**Repórter
se fez de
operário e
sentiu na
carne**



INFERNO NO METRÔ

P. 3 a 9

**Loura
nua no
pau-de-arara
confessa
tudo e
vira
lésbica**

**Octavio Ribeiro
p. 16 a 20**

**Bomba
da polícia
aleija 4
estudantes**

P. 24

**MATADOR
RENEGA
ESQUADRÃO**

P. 25



FIM DA CENSURA, COMEÇO DE TUDO

Exu Tiriri, a entidade a quem apelamos no despacho publicado na edição passada, conseguiu bem mais do que imaginávamos a princípio: acabou com a censura prévia à imprensa escrita de todo o país. A partir do dia 8 de junho de 1978 todos os jornais brasileiros estão livres dos censores, inclusive **Movimento, Tribuna da Imprensa e O São Paulo**, as três últimas vítimas da ação castradora iniciada no dia seguinte à assinatura do Ato Institucional nº 5.

O fim da censura prévia marca a retomada do jornalismo escrito verdadeiro, sem camuflagem, livre de pressões ilegais nascidas do arbítrio das leis de exceção. O fim da censura aos jornais é uma conquista de toda a imprensa, nanica ou não. Resulta da resistência dos três jornais mencionados e dos que, como **REPORTER**, vinham sofrendo cerceamento na função de informar. Agora só falta total liberdade às revistas, emissoras de rádio e tevê, ainda sujeitas à censura prévia, mas por pouco tempo. Exu Tiriri não terminou seu trabalho. Os censores que se cuidem, porque nosso protetor não descansa.



LEITORES DESPACHAM CONOSCO

DESPACHE CONOSCO

Fiquei perplexo com a apreensão do número 5 do **REPORTER** e com as pressões que o jornal vem sofrendo. Por isso, despacho com vocês, na esperança de que ele possa circular livremente.

NOME... **HAROLDO MARTOS COELHO**
 IDADE... **29** anos
 PROFISSÃO... **DESPACHANTE OFICIAL**
 CIDADE... **GUARULHOS** ESTADO... **SP**

Envie para **REPORTER - r. Miguel Couto 134, 11º**
 Ric de Janeiro - CEP 20000 - RJ

Do Olapoque ao Chuí chegaram cartas e cupons de leitores solidários com **REPORTER** na luta contra a censura que determinou a apreensão da edição nº 5 do jornal. Estudantes secundários e universitários, bancários, auxiliares de escritório, secretárias, economistas, professores, farmacêuticos, representantes comerciais, assistentes sociais, comerciários, eletricitistas, comerciantes, técnicos de laboratório, enfermeiros, médicos, dentistas e até um despachante policial, todos recortaram o cupom e enviaram, na esperança de que cessem as pressões sobre o jornal. Para dar uma idéia, aí vai a lista de cidades de onde chegaram apoio e solidariedade a nossa briga: Rio, São Paulo, Guarulhos, Curitiba, Itajaí, Chapecó, Belo Horizonte, Natal, Teresina e Belém. O total de cupons recebidos na redação ultrapassava os 50 quando fechávamos esta edição, mas continuaram a chegar enquanto o jornal era composto e impresso na gráfica. Obrigado, leitores, e vamos em frente que atrás vem gente (nem sempre com boas intenções).



REPORTER

REPÓRTERES/EDITORES — Luis Alberto Bettencourt, Luiz Augusto Gollo, Chico Júnior, Alex Solnik (São Paulo), Analuze Estrelá (Arte)

SECRETÁRIO DE REDAÇÃO — Toninho Martins Vaz

REPORTAGEM — Tim Lopes, Eduardo Homem (Recife), Marcos Dantas, Maria Teresa Bustamante, Clarice Niskier, Rita Costa, Licínio Azevedo, Tânia Celidônio, Gisela Bisordi, Raquel Moreno, João de Barros, Daniel Carvalho, Eduardo Serra, Ivone Parente, Clea Nudelman, Diana Renée, Ana Morena, Martha Baptista, Octávio Ribeiro, Marília Araújo, Luis Fernando Rodrigues.

CORRESPONDENTES — Paulo D'Alcantara (Paris) e Cristina Duarte (Milão)

FOTOGRAFIA — Walter Ghelman, Gilson Barreto, Hélio Campos Mello, Camila Butcher, Jesus Carlos, Juca Martins, Eliane Pastore, João Bittar, Wagner Avancini, Lula Feijó, Chiquito Chaves, Ricardo Malta, Ricardo Gonçalves,

Ricardo Giraldez, Amâncio Chiodi, Luiz Bittar, Custódio Coimbra, Peninha, Fred Mendes, Victor Workman, Antônio Scorza.

ILUSTRAÇÃO — Elvira Vigna, Lapi, Jaime Leão, Angeli, Jota, Alcy.

ARTE — Mauricio Veneza, Glória Jean, Pipsi.

REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11º andar. Rio de Janeiro.

São Paulo — Rua Jaguaribe, 25/3º andar, conjunto 31. CEP 01224. Tel. 222-3103. Diretor. César Arruda Castanho.

Recife (Representante) — Editora Alternativa, Rua Conde de Boa Vista, 50/sala 30.

Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907. Rio de Janeiro.

Impressão e composição — Editora Mory, Rua do Resende, 65. Telefone: 263-7002 (PABX) Rio de Janeiro.

REPORTER
 integra
 o Comitê da
 Imprensa
 Independente



Vara de Registro Público — Aut. 4456



**Repórter
faz de conta
que é operário**



PENOU PRA AGUENTAR 2 DIAS NO METRÔ

TIM LOPES ENTROU NA FILA DOS DESEMPREGADOS QUE QUEREM TRABALHAR NA OBRA DO METRÔ CARIOCA. TIROU CARTEIRA DE SAÚDE, TRÊS RETRATOS E EM POUCOS DIAS COMEÇOU A TRABALHAR NO CANTEIRO DA RUA ANA NERI, BEM EMBAIXO DO MORRO DA MANGUEIRA. DORMIU NO ALOJAMENTO, ACOMPANHOU O TRABALHO E AS DIVERSÕES DOS OPERÁRIOS. NAS PÁGINAS SEGUINTEs, SEU RELATO, FOTOGRAFADO POR CUSTÓDIO COIMBRA E CHIQUITO CHAVES.



São 5 horas da manhã. Os alojamentos estão numa algazarra geral. Pelo corredor estreito que leva ao banheiro, os "peões", num vozerio, se esbarram apressados disputando torneiras e latrinas. Ninguém quer perder a hora do café. Os rádios ligados em programas sertanejos ou na Rádio Relógio se misturam com a rouquidão, a tosse, espirro, dores de dente, ouvido e cachumba dos operários que trabalham para não perder o dinheiro do dia. Médico? Só na avenida Presidente Vargas, na Central de Recrutamento de Pessoal da Ecisa (construtora), e prá chegar lá o "peão" gasta passagem e tempo.

— O doutor nem espera a gente dizer o que tem, vai dando logo uns comprimidos e manda entrar outro. O que adianta? (um pedreiro se queixando de dores no peito).

Para ser admitido na firma, apresenta-se a carteira de trabalho, carteira de saúde ou protocolo, título de eleitor e certificado de reservista. E 3 fotos 3 x 4. Depois espera-se o médico. Se o candidato insistir, mesmo sem documento pode arranjar algum servicinho, varrer chão, carregar embrulho. Numa sala os pretendentes tiram toda a roupa e são examinados quase ao mesmo tempo.

— Já teve dores nas costas? Na cabeça? Enxerga bem?... Nada? Então chega práli.

Serventes, pedreiros, carpinteiros, apontadores e encarregados, na entrada do alojamento A e B, na Rua Ana Néri — entre as estações de Mangueira e Triagem — vão entregando na guarita as chaves dos quartos e recebendo as plaquetas de identificação das mãos do segurança "Didi." São 56 quartos onde estão alojados 224 dos quase 800 homens que trabalham nas obras da linha 2 do Metrô que liga Triagem a Maria da Graça, na zona suburbana do Rio. Eles trabalham espalhados nos canteiros das centrais de concreto, forma e ferro.

Ainda está escuro e faz um frio que deixa a gente tremendo. A fila do café está grande e à medida que vão entregando as cartelas de refeição, os operários entram na cantina em grupos de 5. Já estão prontos pro batente: bermuda, calção, bota, capacete e cinturão. Nele ficam amarradas caixinhas com alicates, pregos, chaves que fazem barulho ao andar. A cantina fecha às 6 e 30 e quem não tomou café com leite (pouco açúcar) e um pão com gosto de manteiga, trabalha de estômago vazio e ainda aposta uma corrida para ser o primeiro da fila do almoço, às 11 horas.

"Tô aqui porque não quero mais meter bronca. A liberdade é boa"

(JAÍLTON, QUE VEIO DA LEMOS DE BRITO)

Um caminhão, a "gaiola" (tem cobertura de madeira) sai carregado de "peões" pra central de concreto, na Avenida Suburbana, a "Suburbana", em Bonsucesso. A avenida é perigosa, segundo o operário Jaílton, 22 anos, que puxou uma cana na Frei Caneca, hoje regenerado.

— Quando dá a hora do "rango" sai a paraibada correndo sem ver nada. Às vezes fica um estendido aí no asfalto atropelado.

Ele fala da vida, mostra um tiro na perna esquerda. Obra da polícia, no "Sessenta," no Morro da Providência, há três anos.

— Ô meu chapa, ninguém fica legal numa batalha dessas. Você acha que sou feliz? Não dá, não é? Tô aqui porque não quero mais meter bronca. Quero ficar na minha. A liberdade é boa.

No departamento pessoal em Triagem, às 8 horas da manhã, sete cearenses sem documento embarcam numa kombi para tirar certificados de reservista num quartel próximo. Foram todos mandados por policiais depois que apareceram nos jornais contando que vieram do sertão atrás de emprego.

— Ô rapaz, larga essa de servente. Traz uma carteira de trabalho nova que eu "esquento". É só me dar na mão 300 mil (300 cruzeiros), Passo você para carpinteiro. Tudo assinado, bonitinho.

O funcionário faz o jogo, diz que está na pior e precisa levar um troco para o leite das crianças. Na janela do escritório se debruçam os operários reclamando. Gente pedindo emprego, desistindo, aceitando Cr\$7,50 por hora de trabalho.

— Vou dar com a gata no pau!

Chia um paranaense forte, de Apucarana. Ele quer ir embora e receber tudo que tem direito. Para se garantir diz que vai botar a Ecisa na Justiça. Em frente ao escritório passam operários carregando madeiras e telhas da "Ilha dos Ratos" ou "Sovaco da Irene" um galpão de madeira que serviu de dormitório até a construção dos novos alojamentos.



Bill tem um irmão na cadeia e vive no Metrô



CHIQUITO ALVES



CUSTÓDIO COIMBRA

O jeito é ficar de fora do alojamento quando o tempo esquenta



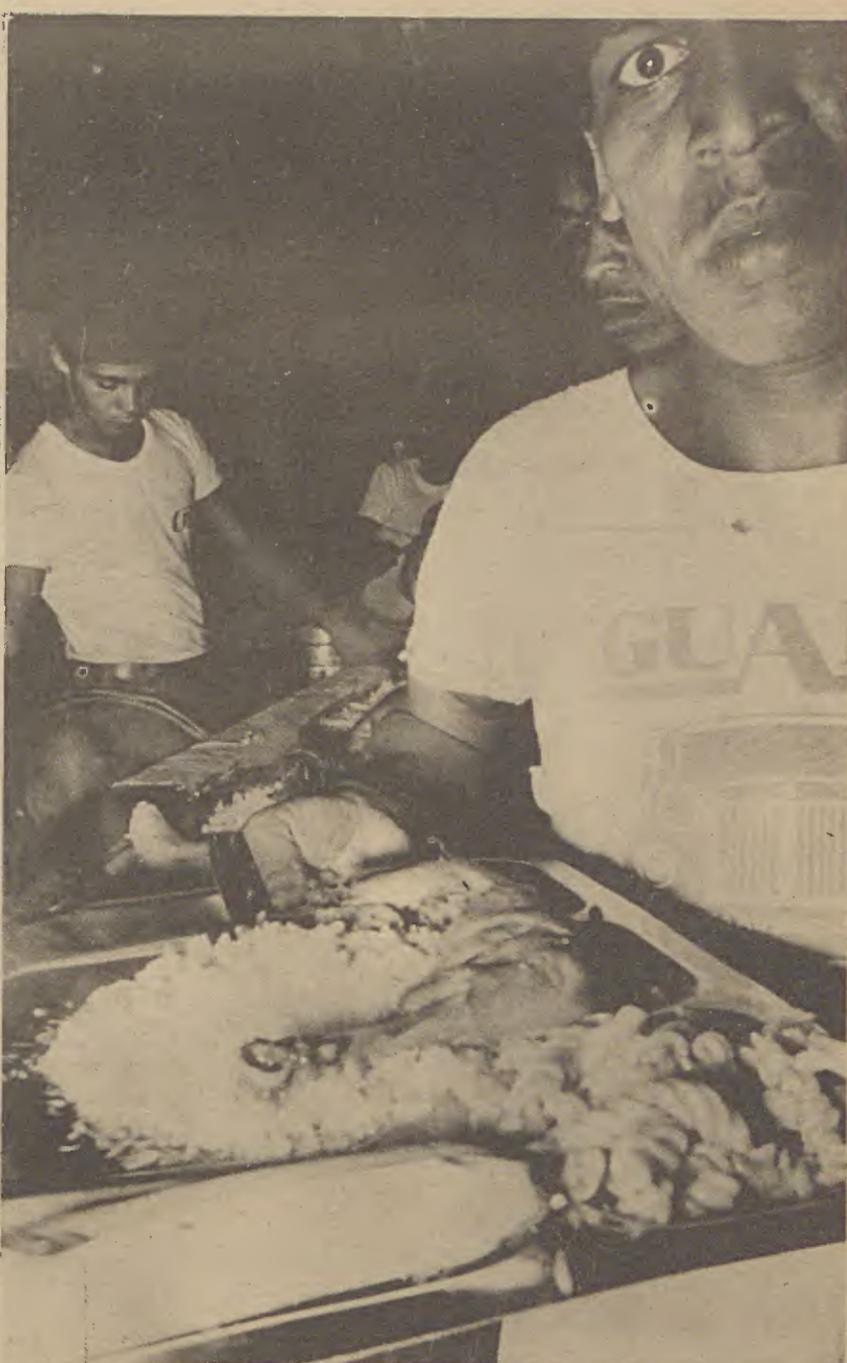
A comida da cantina não engorda, incha.

CUSTÓDIO COIMBRA



Os novatos esperam condução depois de receberem os colchões

CHIQUEITO CHAVES



Arroz, feijão, macarrão, galinha e olhar faminto.

CUSTÓDIO COIMBRA



Os três dividiram o mesmo quarto pequeno

CUSTÓDIO COIMBRA

“Meus companheiros voltaram ontem pro Norte. Medo de trabalhar no Rio”

(AGOSTINHO, QUE É ALÉRGICO ÀS BOTAS).

Às dez da manhã o ruído das britadeiras, máquinas, caminhões, bate-estacas e britadeiras obriga a falar alto. Aníbal, um “peão” conhecido como Gaúcho (apesar de curitibano) passa e dá um sorriso maroto pedindo cumplicidade para o “nó cego”. É uma maneira de ficar zanzando pelos canteiros sem fazer nada. É questão de levar na conversa ou de dar uma decisão no encarregado. Isso pra quem tem peito. Tudo bem. Cada um trata de si.

— Não tô afim de carregar pedra. Vou ficar rodando.

Aníbal faz o “avião” da rapaziada que gosta de queimar um fuminho. Dá um pulo na Mangueira ou no Jacarezinho, onde vivem 100 mil pessoas. Usa guias de dente no peito e passa a maior parte do tempo no banheiro se olhando no espelho, cuidando

do cabelo e fazendo poses. Tem vontade de ir para a Bahia.

— Sou espírita. Queria conhecer Salvador, fazer a cabeça. Pensar nos meus antepassados.

Aníbal toma comprimidos para os nervos, receitados pelo médico, e vitamina para fortalecer os músculos. Quando não tem jeito de escapar, enfrenta a batalha esperando o sábado, aí o dinheiro da semana sai. É dia de diversão no forró do “Zé Gonzaga”, na Ilha do Governador ou ir para os pardieiros do Estácio, ainda por demolir, que viraram zona. Mas muitos ficam nos quartos escutando músicas economizando o dinheiro pontualmente mandado para a família no Norte.

— Não volto em branco pro norte, não. Já trabalhei no Metrô de São Paulo logo no início e vim para cá arranjar um dinheiro para mandar pra mulher e três filhos lá em Alagoas. Prá sair de casa é preciso ter coragem, os meus companheiros embarcaram ontem mesmo, não ficaram nem dois dias. Ficaram com medo de trabalhar aqui no Rio. Não tenho medo não. Só não conhece quem não vê.

Sentado num colchão, enrolado num cobertor e um lençol que é trocado todas as quinta-feiras, Agostinho pergunta se usam só bota de plástico.

— Não posso usar essas botas porque fico cheio de pirombeira. Meu corpo fica todo vermelho.



Os homens-cores são: azul-apontador, vermelho-servente, marrom-soldador...

(HIERARQUIA DE CAPACETES NA OBRA DO METRÔ)

O capitão Santos, chefe da segurança do canteiro 362, exibe entre os botões da camisa o cabo branco do revólver que não tira da cintura. Dá ordens ao segurança que fica na guarita. Num canto, dois casquetes e um porrete, pra impor ordem no local. Os avisos de perigo, evitar acidentes, estão pregados nas paredes dos alojamentos e pelos canteiros.

Os capacetes coloridos representam a divisão social dentro do canteiro de obras. Os homens — cores são assim: vermelho — servente, azul — apontador ou encarregado, amarelo — carpinteiro, marrom —

soldador; branco — engenheiro ou visitante. Ao entrar na obra cada operário, recebe um número que o acompanhará até se desligar da empreiteira — pode ocorrer em três meses, uma semana, ou mesmo um dia: diariamente são demitidos e admitidos dezenas de empregados.

Um nuvem de poeira levantada por um caminhão que passa aos solavancos sufoca o "peão". Esfrega os olhos, tosse e segue o caminho com decisão, levando uma sacola de plástico transparente com o capacete vermelho e as botas. Emprego assegurado. É hora do almoço e a qualidade da comida só é comentada depois. (São poucos os que não temem ser despedidos) Forma-se de novo a fila. Dentro da cantina, as cinco mesas estão repletas de operários. Já passaram com as bandejas em frente a quatro painéis. Prato do dia: arroz, feijão, macarrão e galinha. O responsável pela cantina, Rui, entrega pessoalmente uma laranja de sobremesa para cada operário. Fala alto a todo momento:

— Quero ver vocês bem alimentados.

De repente, a comida (descontada no salário) acaba. O pessoal fica agressivo, reclama, xinga. O segurança barrigudo, que controla a porta de entrada dos "peões"

pede calma apenas para justificar a sua função. Ninguém escuta, a fome é mais forte. Meia hora depois chega a Kombi azul com mais comida e o comportamento muda. Jaílton ao meu lado destrincha com os dentes estragados uma coxa de galinha.

— Está melhor do que a comida de cadeia. Agora não vem mais naquelas marmitinhas de papel que estragavam à toa.

Acontece de vir uma carne crua, arroz mal feito mas vai se levando. A certeza que eu tenho é que não engorda, incha.

Os últimos a almoçar foram os operários da central de concreto que vieram de Bonsucesso a pé, por dentro da obra. São 12 horas e próximo ao alojamento alguns "peões" estão recostados nos tapumes azuis que indentificam o Metrô, a obra urbana que absorve o maior contingente de mão-de-obra da América Latina. Bill, irmão de Branco, (bandido do morro da Mangueira, que está cumprindo pena de 36 anos na Ilha Grande), diz para aparecer, ou assustar, que passou 6 anos lá na Ilha no tempo do lendário Madame Satã, época em que o compositor Carlos Imperial esteve por lá. Faz dois dias que está trabalhando nas obras se escondendo dos zome.



A diferença é que na cadeia não tem capacetes



O único que distarca a fome é o repórter

CUSTÓDIO COIMBRA

"Passei 12 anos na cadeia e não tô aqui pra aturar desaforo de capiau"

(DIDI, O SEGURANÇA DO CANTEIRO)

O movimento no canteiro começa a tomar vulto novamente. O barulho das máquinas funcionando é ensurdecedor. "Didi", o segurança, conversa, conta histórias do presídio da Ilha Grande. Atentos, os "peões" à espera do caminhão para irem ao almoxarifado da avenida Suburbana, ficam boquiabertos. No escritório perto, operários continuam pedindo emprego, reclamando pelos seus direitos.

— Me descontaram o imposto sindical duas vezes. Vão ter que me devolver 60 pratos.

Francisco bate com as mãos no balcão, Furioso.

— Se quiserem me dão as contas. Mas não pensam que vão me passar a perna.

Os funcionários ficam quietos, não perdem o ar de superioridade. As três horas muitos já estão exaustos, outros diminuem o ritmo de trabalho guardando forças para encarar a batalha até às 22 horas. O "peão" Norato está ali em frente ao alojamento. Quando "Didi" para de contar histórias, ele aproveita e pede para entrar no alojamento. "Didi" sacaneia:

— Gosto desse garoto. Olha a cara dele, Usinha.

Norato ri sem jeito, nervoso. Em volta, as gargalhadas do riso-debochado de dois



Trabalho no canteiro de obras

outros seguranças. Gaúcho passa, dá o toque: embaixo do viaduto de Benfica, pôr onde passa a linha do Metrô, o cigarro roda de boca em boca. Está quase na hora da janta. Um "peão" com feições de nordestino carrega três vergalhões no ombro. Na camisêta suja de pó de ferrugem, a inscrição "Brasil rumo ao tetra"

Em frente da guarita, começam a chegar os primeiros operários. Norato não aguenta mais e manda "Didi" tomar dentro. O segurança sai do seu posto e dá uma bofetada seguida de pernadas e ofensas. Norato levanta e cai mais de uma vez.

— Passei doze anos na cadeia e não tô aqui para aturar desaforo de capiau. Dô pau nele pra parar de gracinha.

O segurança se aproxima da guarita com andar de quem ganhou a briga. Lamenta, com raiva encenada, ter sujado a camisa de gola rolê e arrebetado a corrente do relógio Seiko. Os prejuízos que levou na porrada com o "peão" Norato. Atrás fica uma nuvem de poeira que, ao assentar, mostra olhares atônitos, tensos e medrosos dos "peões" que viram o pau comer no fim da tarde no canteiro de obras 362. Na guarita, o segurança começa a entregar as chaves, em troca das plaquetas de identificação. Todos só pensam no banho. São 17 horas. O clima de agitação provocado pela briga com misto de silêncio nervoso se estende até a noite.

CUSTÓDIO COIMBRA CHIQUEIRO CHAVES



A briga na obra e seus protagonistas: o guarda Didi e o operário Norato

"Aquele pedra que eu joguei era pra acertar a coluna dele"

(NORATO, O QUE LEVOU A BOFETADA)

Pelo corredor que leva ao banheiro, uma confusão mais animada, apesar do cheiro de suor insuportável. Os 11 chuveiros são disputados quase aos empurrões e ninguém deixa a toalha ou o sabonete dando sopa. Marcou, dança. Os que estão ainda nos quartos, depois de um dia de trabalho, ligam rádios, vitrolas, gravadores ou simplesmente cantam quando têm forças para segurar o violão. O repertório é de Roberto Carlos, Aguinaldo Timóteo, Rosemary, Altemar Dutra e Martinho da Vila. Do quarto 27 vem a voz arranhada da dupla "Tonico e Tinoco". O disco está empenado e roda com dificuldade na vitrola.

Valdir chega, abre a porta devagar, capacete embaixo do braço. Cumprimenta e senta pesadamente na cama beliche: vai falando:

É o primeiro dia? Olha, aqui todo mundo é legal. Ninguém se mete com ninguém. Aí em cima dorme um carpinteiro: se pedirem pra falar, ele fala, senão fica quieto. Não perturba. Aqui na minha frente, um sujeito bom. Pedreiro, tem a vida dele.

Valdir tem 45 anos e todos os sinais de velhice. Sempre trabalhou em obras, uma das últimas a Ponte Rio-Niterói. Está ali como servente há onze meses e às vezes

chega cheio de "goró" (cachaça). Ocupa a cama 1 do quarto 25 com o pedreiro Francisco macacão e o carpinteiro Claudir. Faz força para tirar as botas de couro que custam no almoxarifado 90 cruzeiros descontados no salário. O ar fica impregnado de chulé. Sai caindo para os lados em direção ao banheiro. Na cabeceira de sua cama uma flâmula pregada na parede com a imagem de São Jorge.

A fila da janta está grande. Os que vão até às 22 horas já estão esperando que a Kombi azul desponte no porão da rua Ana Néri. O segurança barrigudo está lá controlando a fila. Na cantina começa ser servido o jantar, o mesmo ritual, a televisão colorida ligada chama pouca atenção dos "peões". Não adianta, têm que comer depressa para dar lugar aos outros. "Rosinha" e "Vanusa", dois "peões", bichas, passam com as bandejas, indiferentes aos galanteios. A partir das 22 horas, o movimento no alojamento toma a mesma proporção das 17 horas. Os chuveiros ocupados e as músicas saindo de quase todos os quartos. Norato, num grupo, comenta baixinho, com ódio:

— Aquela pedra que eu atirei, você viu? Era pra acertar a coluna dele.

As máquinas pararam, o som das músicas some à meia-noite. Tudo fica quieto. Pelo corredor, uma voz ou outra de um operário. Norato tem o rosto vermelho do lado esquerdo, o tapa que levou de "Didi" Promete ir à forra.



"Rosinha", debochada, larga o garfo e faz pose

CUSTÓDIO COIMBRA

ACIDENTADOS

A queda de barras de ferro, de um guindaste e de um macariqueiro, provocaram os acidentes.



Jorge Antônio

Jorge Antônio ganha perna mecânica e perde o emprego

Jorge Antônio Resende, 21 anos, veio de Itaúna, Minas, há 2 anos para trabalhar na construção do Metrô carioca. Conseguiu emprego de eletricitista na construtora Mendes Júnior e passou a morar num galpão dentro do canteiro de obras. Em dezembro do ano passado, Jorge Antônio estava de plantão numa área descoberta do canteiro e sofreu um acidente de trabalho grave. Perdeu a perna direita e está até hoje no hospital da Ordem do Carmo. E reclama da Mendes Júnior, que não dá assistência nem sequer notícias.

— Eu estava fazendo um conserto quando chamaram o guindaste para ir ao Estácio. O motorista saiu correndo pra aproveitar um sinal verde e o guindaste arrastou duas barras de ferro daquelas grandes. Uma ficou em cima da minha perna. Gritei e os outros chamaram o guindaste de volta pra me ajudar. Ele levantou a barra de ferro mas o cabo arrebentou e ela caiu de novo na minha perna. Aí cortou mesmo a perna.

Jorge Antônio não entende

até hoje por que os colegas, todos com certificado de primeiros socorros, não o retiraram do local enquanto a barra era suspensa nem por que não improvisaram um torniquete. E, apesar de não guardar rancor do motorista do guindaste, tampouco entende por que ele tinha tanta pressa, se é pago por hora e estava trabalhando. Jorge Antônio só sabe que vai ganhar uma perna mecânica e vai receber alta e voltar ao trabalho na construtora, que depois de 3 meses o demitirá. Ele já viu acontecer isto com colegas.

— O departamento de pessoal da firma me disse que eu tinha direito a 50 mil cruzeiros de indenização, mas nunca mais me falaram nada de dinheiro. Não existe seguro nenhum. Uma vez a firma quis arrumar um seguro de última hora, mas não existia seguro nenhum. Teve operário que entrou na justiça e ganhou. Quero saber se vou ter que virar marginal por causa do acidente ou se vou poder voltar a trabalhar.



Severino

SEVERINO AINDA NÃO TEVE NOTÍCIA DO QUE A FIRMA VAI FAZER

Severino Hipólito da Costa, 24 anos, deixou o Rio Grande do Norte em 1974 para trabalhar no Rio. Arrumou emprego em restaurantes mas ao fim de dois anos viu que poderia ganhar mais se fosse para o Metrô. O gesso na perna direita ainda está novo.

— Meu acidente tem poucos dias, foi dia 18 de maio. Eu estava num buracos e um maçariqueiro tava cortando uma barra de ferro lá em cima. A barra caiu bem em cima da minha perna. A firma só veio me trazer aqui. Não recebi visita, não sei de nada, nem de pagamento.

“ As empresas só procuram saber dos acidentados quando são casos gravíssimos, como aquele desabamento no início do ano. As empresas não visitam o hospital ”

Marilena, assistente social no Hospital Souza Aguiar.

“Existem medidas de prevenção que tanto a empresa quanto o operário podem adotar. Sabe-se, porém, que um e outro falham”

doutor Osi Cunha, chefe do atendimento e acidentes do trabalho na Ordem do Carmo

Inaldo quer voltar ao trabalho mesmo paralítico

Inaldo Costa Oliveira, 35 anos, mora em Nova Iguaçu com mulher e filhos de 2 anos e 1 mês. Veio de Pernambuco em 1963 e começou a trabalhar no Metrô em 74, nos lotes da Central do Brasil e da rua Uruguaiana, ambos no centro da cidade. Trabalhava para a firma Sacon quando sofreu o acidente:

— Eu estava num dos buracos e tinha mais outras pessoas. O sinal lá em cima não prestou atenção ao sinal e a escavadeira desceu. Primeiro eu caí porque esbarrei na escavadeira, depois ela caiu por cima de mim. Fraturei a coluna e a clavícula e da bacia pra baixo estou paralítico.

Inaldo foi levado para o Hospital Souza Aguiar, onde

recebeu a visita do chefe do barraco na obra. Garantiu que nada lhe faltaria, inclusive a assistência da Sacon. Pouco depois, Inaldo foi transferido para a Ordem do Carmo. Ninguém mais apareceu.

— Minha mulher tá tentando receber meu dinheiro, mas tá difícil porque eu tenho que passar procuração pra ela. Como não estou andando, há dois meses não recebo nem posso ir ao cartório. Eu estou comendo no hospital, mas meus filhos precisam comer.

Inaldo tem muitas esperanças. Acredita que vai receber indenização e com ela pretende comprar uma casa. E acha que poderá voltar ao trabalho no Metrô mesmo. Só que agora quer ser operador de escavadeira.



A escavadeira caiu em cima dele: fraturou a coluna e a clavícula

José saiu de madrugada e nunca mais voltou

No dia 22 de março último José da Silva Garcia, 52 anos, saiu de Piabetá, onde morava, no trem das 3 e 50 da madrugada, para o trabalho, no canteiro de obras do Metrô na avenida Presidente Vargas.

Tinha três cruzeiros no bolso e a marmita na mão. Até hoje a família, mulher e sete filhos, esperam seu regresso. A companhia que o empregava, a Esusa, não se mostra disposta a ajudar, e José passa a ser apenas mais um número no rol dos desaparecidos do Metrô.

José Batista Neto, seu compadre, afirma que Jorge desapareceu no serviço. Segundo ele, num desabamento que houve e que sua família não soube de nada. “Querem deixar a viúva em palpos de aranha.”

Na casa, em Piabetá, Laudicéia Noronha da Silva, a mãe dos sete filhos, explica o que sabe:

A companhia diz que ele foi trabalhar normalmente. Que saiu às 5 horas da tarde, como fazia sempre. Minha filha Leci falou com o Dr. Cláudio no escritório dele que fica na Avenida Paulo de Souza 181. É o escritório central da firma. O Dr. Cláudio é que assina a carteira dos trabalhadores. E ele

provou que nada aconteceu na obra, que ele gostava muito de Jorge. Mas eu só tenho direito a indenização se encontrar ele machucado ou morto. Mas para onde ele foi com três cruzeiros no bolso! Isso é que não me sai da cabeça.

A senhora recebeu algum dinheiro da companhia?

— Recebi o dia de trabalho dele, 22, quarta-feira, e os dois dias anteriores. Destes três dias recebi 190 cruzeiros. E da semana encerrada, anterior do dia do desaparecimento, recebi 412 cruzeiros.

A senhora sabe alguma coisa sobre o desabamento que, segundo José Batista, foi a causa do desaparecimento do Jorge?

— Teve um desabamento, mas este o Jorge viu. O Jorge comprou um rádio e nós ouvimos aqui em casa o noticiário. Quando deu 8 horas ele chegou e me falou assim: “Você soube, mulher?”

— Respondi que sim e ele falou: “Trabalho num lugar muito perigoso. Liga sempre o noticiário porque se acontecer alguma coisa comigo você já sabe onde eu estou morto. E vai até lá, porque lá na obra eles fazem isso, somem com



A família de José procurou por ele até o dinheiro acabar.

as roupas, queimam os documentos pra não pagarem a indenização. Vale 35 mil cruzeiros a vida de uma pessoa lá.” Estas foram as palavras dele 25 dias antes de sumir.

Como a senhora está fazendo agora para sustentar os filhos?

— Agora minhas filhas que iam se casar vão ter que esperar. Leci e Leni começaram a trabalhar como costureiras e ganham fixo 2.095 cruzeiros. No final do mês entra na casa 5 mil cruzeiros. A gente gasta 1.500

cruzeiros de compras, compra tudo, menos carne. Carne só quando tem extra. Jorge levava pra obra macarrão, arroz e feijão. Às vezes alguma carne ou uma verdura. Como já estava velho, trabalhava recolhendo pedras, ajudando a juntar o material que sobrava na beira das escavações. Olha, a gente andou, andou, procuramos ele em todos os cantos onde poderia estar. A condução cara do jeito que está e a gente andando. Mas quando o dinheiro acabou a gente parou de procurar.

MAIS DE MIL ACIDENTADOS SÓ NO SOUZA AGUIAR

O Hospital Souza Aguiar, para onde são enviados praticamente todos os operários do Metrô acidentados, não faz distinção entre trabalhadores do Metrô e de outras obras. No arquivo de 1977, um dado: 3221 acidentes de trabalho. Nos três primeiros meses deste ano o total foi de 1186, o que faz prever um aumento significativo no número de acidentes deste tipo até o fim do ano.

O acidente de trabalho mais grave de 1978, até hoje, foi o desabamento na avenida Presidente Vargas, numa obra do Metrô, ocorrido dia 2 de fevereiro. Houve 28 feridos transportados para o HSA. 18 receberam alta após serem medicados. 2 morreram.

Depoimentos a Ana Morena e Clarice Niskier
Fotos de Chiquito Chaves e Clarice Niskier

METALÚRGICO FAVELADO

OU PAGA ALUGUEL OU COMPRA COMIDA

Raquel Moreno
e Lula Feijó

O crescimento industrial mal-planejado provocou a formação de várias favelas na periferia de São Bernardo do Campo, em São Paulo. Favelas como a Ferrosópolis, atrás da Chrysler e de frente para a Volkswagen, e a Jardim da Represa, que, junto com as outras, abrigam cerca de 80 mil operários, a maioria metalúrgicos. Quase sempre, é o imigrante contratado por um baixo salário e que, por não ser especializado, não tem condições de pagar o aluguel de uma casa ou apartamento. É claro que, para o operário especializado, que pode ganhar até Cr\$ 12 mil, é possível morar numa casinha, ter um carro, se alimentar normalmente.

Moça, aqui mora algum trabalhador da Chrysler?

— Da Chrysler não tem não. Mas da Volks eu conheço três: o meu marido, o marido da Neusa, e o vizinho deste lado. Mas meu marido não tá aqui não. Foi na Cooperativa da Volks, gastar lá o dinheiro que recebeu da firma. Os outros também num tão. Volta mais tarde.

No início, as respostas eram as mais evasivas possíveis, cheias de medo, desconfiança. A razão, soubemos depois: chegamos num velho fusca, o que provocou uma suspeita. Será gente da Volks?

— Precisa mesmo sair essas coisas no jornal, moça?

Prá que? Tá bom, eu não tenho nome e nada de foto.

O operário da Volks se abre um pouco e fala.

— Eu trabalho com motor e sei o que se passou. Acho que todos nós, funcionários, precisamos desse aumento. No meu modo de pensar, nós tamos precisando. Agora, não sei se vai sair esse aumento ou não. Sabe que eu nem sei: essa Volkswagen fala muita coisa. Tô lá faz quase um ano e é muita coisa que eu ouvi. Agora, o que vai dar, eu não sei não. A Volkswagem, pra mim, é uma firma muito legal. Cê vê? Já foi dizendo que ia dar o que as outras dariam. Vocês são da Volks? Não? Sei lá, né.

Se aproxima um rapaz. Fala rápido, dá o seu recado e vai embora.



LULA FEIJÓ

Favela Jardim da Represa, onde moram muitos metalúrgicos



CAMILA BUTCHER

— Onde eu moro? Me escondo por aí. É um barraco de um cômodo só. Moro sozinho porque mulher não aguenta. Pago 500 cruzeiros de aluguel, e o resto vai de comida. Ganho Cr\$4 mil e acho que, do jeito que tá, 20% só não dava.

Sônia, vestidinho leve, sandálias havaianas, 22 anos. Casada com um operário da Volkswagen.

— Meu marido falou que é pra eu não falar com ninguém, não assinar papel, não deixar tirar retrato, não receber nem conta.

— Ele também não quer que eu trabalhe fora, mas o dinheiro quase não tá dando. Não sei quanto ele ganha, mas sei que fora o aluguel — a gente tá pagando Cr\$500, por um cômodo — o resto do salário vai tudo na Cooperativa da Volks mesmo. Nem sei como a gente aguenta. Somos nós e dois filhos. A gente é ajuntado, não é casado não. E eu fico cuidando dos trabalhos dentro de casa, como todas as mulheres. Às vezes, quando eu acabo antes, ajudo as outras.

— Se eu sei se os operários da Volks fizeram greve?

Sei de nada, não. E meu marido não vai gostar d'eu tá aqui conversando.

E vai embora, cabreira.

Célia Regina, operária, 32 anos, é a dona da casa onde Sônia mora. Diante dos outros, tem uma boa situação. Casa com dois cômodos, limpa, máquina de costura. Mesmo assim, foi duro juntar o dinheiro para comprar o barraco, que custou Cr\$25 mil.

— Eu acho que o pessoal da greve tá certo porque o pobre ganha muito pouco. Só a pobreza sabe o que passa. O custo de vida sobe cada dois, três meses. O salário, só uma vez por ano. O aumento não resolve porque o governo não olha muito os pobres. Então, o pessoal trabalha tudo contrariado.

Chegam os filhos de Célia. São três, de 9, 11 e 14 anos.

— Um custo por escola, ainda bem que não tem mais que pagar aluguel.

O barraco foi comprado por Cr\$ 25 mil com o salário do casal. Atualmente, os dois ganham, juntos, Cr\$5 mil.

— O barraco é muito pequeno. Os filhos dormem com a gente, tudo junto. Faz três anos que a casa é nossa, mas no final foi duro pagar.

Célia diz que o dinheiro só dá mesmo para a comida e o material de escola dos filhos.

— E só dá pra isso mesmo, moça. Chega no fim do mês, já estamos pedindo dinheiro emprestado aos vizinhos. Pobreza mesmo. Não vou mentir. Também, cinco mil cruzeiros, para uma família de cinco pessoas, dá pra que?

— Célia já teve experiências anteriores, em se falando de reivindicações salarial. Trabalhava como faxineira, na Dulciora. Ficou lá seis anos e meio.

— A gente trabalhava três meses e recebia um. Fazia greve no começo, mas não adiantava nada. Às vezes, ficava três; quatro dias parado, fazendo greve, e não pagavam nada. Outras vezes, levavam a gente na conversa e acabavam não pagando do mesmo jeito. Aí, o pessoal foi todo saindo. Agora, tô numa fábrica de plástico, fazendo pasta. Ganho Cr\$ 1.669,00 por mês. Diz que agora vai para Cr\$ 2.008,00, mas não sei, porque ainda não saiu o pagamento. É muito pouco. Por isso, tá certo o pessoal fazer greve. O pobre tá ganhando muito pouco. Lá na fábrica a gente não conversou disso. A gente não conversa com liberdade. Com o chefe em cima, não tem jeito da gente conversar muito.

Só compra roupa quando tem muita necessidade

Manoel, 22 anos, mineiro, prensador da Volkswagen. Casado, uma filha. Com o aumento, passou a ganhar Cr\$ 21,00 por hora, trabalhando nove horas e meia por dia. Um trabalho rápido, de deixar qualquer um maluco.

— Às vezes, não dá nem tempo de ir ao banheiro. Então eu tenho que trabalhar mais rápido para poder fazer as necessidades. Ou então espero a hora do almoço.

Qual a sua maior despesa?
— Roupas e alimentação. A gente não pode comprar tudo que necessita. Roupa, eu só compro quando preciso muito. Também gasto muito com transporte. Pago o transporte da firma, mas nem sempre o horário dá certo. Então, tenho que pegar um ônibus e pago novamente.

O pessoal da fábrica te trata bem?

— Trata, mas fica muito em cima da gente, exigindo mais rapidez. Além disso, faço o serviço de dois operários. Tem dia que eu chego em casa, janto e acabo dormindo na mesa mesmo.

Você não acha que teria sido melhor você ficar trabalhando em Minas?

— Plantar em terra dos outros não dá não. A gente sempre fica devendo para os donos da terra.

O que você acha da greve?

— Não acho certo porque se você recebe, é para trabalhar. Deveríamos arrumar outro jeito de conseguir resolver os problemas.

Você paga aluguel?

— Não. É por isso mesmo que eu moro em favela. É para poder comer. Se tivesse que pagar aluguel, o dinheiro não dava para comer.



Antônio parou de trabalhar

Antônio parou de trabalhar : sistema nervoso abalado

Antônio Pereira Tavares, 32 anos, ex-pontieiro da Volkswagen. Muito trabalho, muito barulho, pirou geral. Foi encostado e hoje ganha Cr\$1.495,00, 70% do seu salário anterior. Casado, cinco filhos. Mora na favela.

— O serviço era demais. Eu não tinha sossego nem para beber água. Quando saía para alguma necessidade, tinha que ouvir bronca do feitor e do líder. Eu cheguei a reclamar para o supervisor e até desmaiei na sua frente. Depois deste incidente, me levaram para o ambulatório e foi constatado que meu sistema nervoso estava abalado. Aí, me encaminharam para a caixa (seguro para invalidez). Também, era muito serviço e rápido demais. No meu setor, eu trabalhava por dois. Eu vivia pedindo outra pessoa, mas eles não colocaram. Eu pagava sozinho o assoalho do Passat. No começo da semana, parecia que ia dar conta do trabalho. Mas quando chegava quarta ou quinta-feira, eu já estava todo muido.

— Eu não dormia bem, encrocava com qualquer coisa, brigava á toa. Não

podia ouvir barulho nenhum. Quando eu entrei, trabalhava com 60 assoalhos. Depois de um tempo, passou para 100. Quando fiquei doente, já eram 135 por dia. Uma correria. Sabe, na Volks tem caso de operários que fazem as necessidades ali mesmo, trabalhando, porque chega num momento que não dá.

Antônio é do interior de Minas, onde tem até uma casinha. Mas a família já se acostumou com São Paulo.

— Lá onde eu morava não tem escola e tudo é muito longe. Mas aqui eu tenho que morar na favela porque o dinheiro que eu ganho nunca deu para morar em lugar melhor. A situação tá tão ruim que a minha mulher teve que começar a trabalhar como faxineira, ganhando Cr\$6,50 por hora.

E a alimentação, Antônio?

— A gente se vira. Um parente dá alguma coisa que a gente não pode comprar. Mas o problema maior não é a comida, é o frio. Lá em Minas eu não precisava de agasalho, mas aqui o frio é demais e nós não temos agasalhos suficientes. Não tenho dinheiro nem para comprar sapatos.

Quando você trabalhava, a vida era melhor?

— Nada, era a mesma coisa. O salário nunca dava. Eu vivia pedindo aumento, mas eles sempre embromavam.

Seus colegas de trabalho têm os mesmos problemas?

— Claro. 80% dos empregados da Chrysler e da Volks sofrem da coluna e do sistema nervoso. E a maioria mora em barraco, como eu.

O que você acha da greve?

— O pessoal tem razão porque o aumento que o governo dá não é suficiente. Mas é preciso muita união porque sem união não vem a força.

Analfabeto, mulher analfabeta, filhos analfabetos?

— Nenhum deles sabe ler. A mudança de Minas para São Paulo atrapalhou muito.

O terreno do barraco é seu?

— Uns dizem que é da prefeitura e outros dizem que é de um japonês. Dizem que a prefeitura tomou o terreno por falta de pagamento de impostos, mas o japonês esteve aqui e disse pra gente que vai pagar, para reaver o terreno. Depois, vai dar 90 dias para a gente sair.



Manoel, operário da Volkswagen

Ismael mora num barraco para ter vida melhor

Ismael, 37 anos, nordestino, operário metalúrgico da Brastemp há quase quatro anos. Nove horas e meia de trabalho por dia, que é para ter o sábado livre. Condições de trabalho: 45 graus e muito acidente com queimaduras. Ganha Cr\$ 21,00 por hora. Tem seis filhos e três estudantes. Mora na favela Jardim da Represa, em São Bernardo.

Porque você mora em favela?

— Para poder ter uma vida um pouco melhor, eu não posso pagar aluguel. É por isso que eu vim para a favela. A patroa trabalha para ajudar

e deixa a menina de 13 anos cuidando da casa. Mas como você está vendo, isso aqui vive sujo, não temos condições de higiene. E no inverno é muito frio. Banho? Ah, a família toda toma banho na bacia.

O que você acha dos patrões?

— Eles deveriam se preocupar mais com o operário porque, dando melhores condições, o trabalhador fica satisfeito e produz muito mais.

Por que você veio para São Paulo?

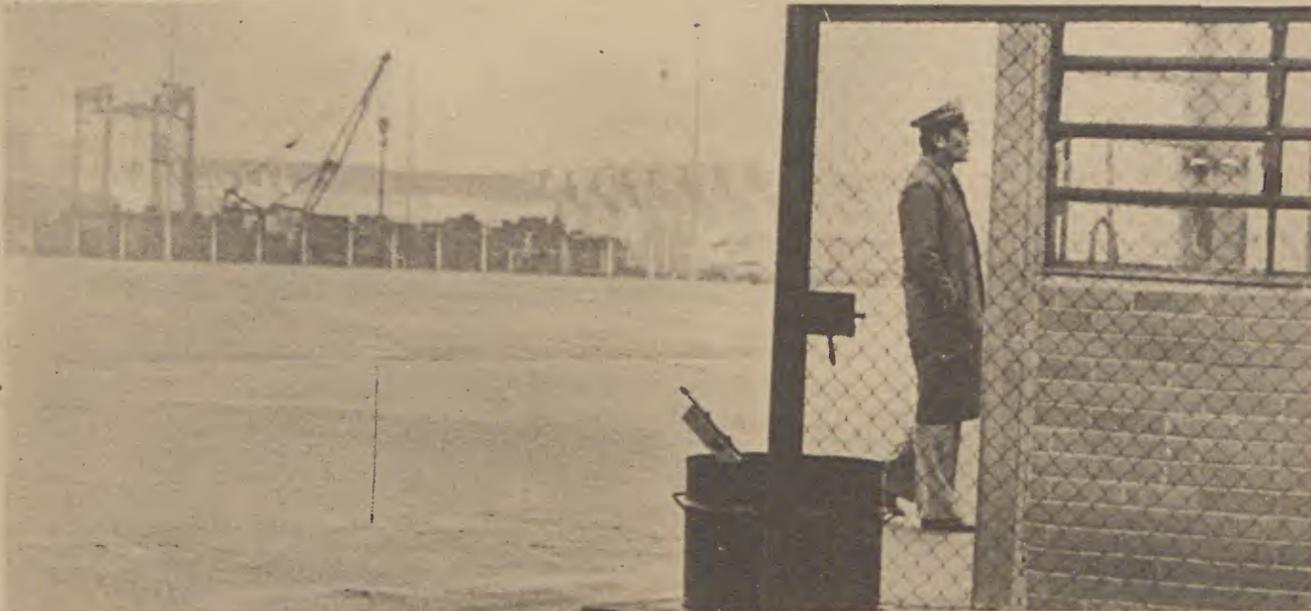
— Ah, aqui tem mais recurso.



Ismael, operário da Brastemp

CASCAS DE BANANA AMEAÇAM OPERÁRIOS

GREVE, HOJE



JOÃO BITTAR

Ninguém viu a greve. Os operários entravam, batiam cartão e não ligavam as máquinas. Não houve líderes, nem a polícia apareceu. Foi uma vitória.



JOÃO BITTAR



RICARDO MALTA

Ontem, das onze para o meio-dia, segundo nos informam os escravos do estabelecimento de Ponta da Areia (primeira fábrica instalada no Brasil, Indústria Mauá, propriedade do Barão de Mauá, localizada em Niterói) levantaram-se e recusaram-se a continuar no trabalho sem que fossem soltos três dos seus parceiros que haviam sido presos por desobediência às ordens do mesmo estabelecimento. Felizmente o levantamento não ganhou terreno, pois o Exmo. Sr. Dr. Paranaguá, apenas teve notícia, dirigiu-se ao local e fez conduzir para a casa de detenção, presos, os trinta e tantos amotinados. (Jornal A Pátria, edição do dia 26 de novembro de 1857, dando conta da primeira revolta dentro de uma fábrica no Brasil.)

No dia 8 de janeiro de 1858, depois de terem recusado o aumento de dez tostões diários em seus ordenados, os tipógrafos dos jornais Diário do Rio de Janeiro, Correio Mercantil e Jornal do Comércio, entram em greve. É a primeira greve decretada no Rio de Janeiro, possivelmente a primeira greve do Brasil. No dia seguinte, 10 de janeiro de 1858, os tipógrafos lançavam seu jornal — Jornal dos Tipógrafos — para defender seu movimento e responsabilizar os patrões. No número 14 do jornal eles escreveram: "Já é tempo de se guerrear por todos os meios legais toda exploração do homem pelo mesmo homem."

Dia 12 de maio, 2 mil operários da Scania Vabis pararam o trabalho; dia 13, 15 mil da Mercedes-Benz; nos dias seguintes, 9.500 da Ford, 3 mil da Volkswagen, 2.500 nas duas Villares, 800 na Panex, 3 mil da Brastemp, 250 da Sulzer-Weise. Durante quase um mês, o total de metalúrgicos grevistas no ABC (a maior concentração industrial da América do Sul) chegou a 50 mil. Juntaram-se aos metalúrgicos, operários de fábricas de pneus, de macarrão, de produtos de limpeza, de produtos químicos, elétricos, operários de São Paulo e de Osasco. Foram 90 mil operários que pararam em quase 50 grandes indústrias. Pararam por horas, dias — a greve maior foi de 7 dias seguidos, na Ford — pedindo 20% de aumento nos salários.

A greve pegou todo mundo de calças curtas. Afinal, ela é ilegal desde 1964, quando o governo disse, no Decreto-Lei 4330, que só atraso de salário era motivo justo de greve. Além disso, desde que foram criados em 1943 os sindicatos são tutelados pelo Ministério do Trabalho, que tem até o direito de mudar suas diretorias quando quer. Em 1975, 136 sindicatos eram dirigidos por interventores do governo.

Junte-se a isso a política salarial estabelecida pelo governo em 1964 no decreto 54018 que tornou os salários sempre decrescentes (veja quadro na página 14) e a criação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, que acabou com a estabilidade do tra-

balhador (decreto-lei 5107, de 13/9/66). E aumentou a rotatividade porque a empresa podia demitir sem explicações. Assim, em 1967, 2 milhões de operários foram admitidos e 1,6 milhões, demitidos; em 1968, admitidos 2,9 milhões e demitidos 2,2 milhões. É outra maneira de baixar os salários, pois o empregado demitido aceita salário menor em outra fábrica, pra não ficar parado.

Em 1969, o operário foi atingido pela Lei de Segurança Nacional: o artigo 38 estabeleceu pena de 4 a 10 anos de prisão para quem promovesse greves. Isso, depois de terem sido presos e espancados os grevistas de 1968, em Contagem (MG) e Osasco (SP).

A greve de 68 ficou na história mas não foi a única de 64 pra cá: em 64 mesmo houve operações tartaruga e pequenas greves reclamando atraso de salários, jornadas excessivas e não-cumprimento de leis trabalhistas; em 66 fizeram greve os operários da Cia. Tinsley e da Auto-Peças Resolit; em 67, funcionários municipais, professoras primárias e operários da Cia. Siderúrgica Nacional (estes ficaram 45 dias em greve), em Minas Gerais; em 68, além das conhecidas, houve greves também no ABC, na Mercedes-Benz, Willys e Chrysler; em 70, 12 greves; em 74, greves de operários na construção civil e empresas de onibus em Salvador; cobradores de onibus, taxis e empregados da Light em São Paulo.

A greve de 78, sem líderes, piquetes, prisões, foi considerada vitoriosa pelo sindicato que foi, no mínimo, seu inspirador: o dos metalúrgicos de São Bernardo, que luta, desde o ano passado, pela reposição salarial (um erro de cálculo do governo tirou 34% do reajuste de 1973). A greve poderia ter começado aí. Este ano, em fevereiro, Lula, presidente do sindicato previu uma possibilidade de haver greve até junho, depois de seu encontro com o deputado Petronio Portella. E foi a orientação de Lula que garantiu a greve pacífica: ele pediu que os operários não depredassem as fábricas nem obrigassem seus colegas a parar. O principal era parar as máquinas e esperar dentro da fábrica, em silêncio, à moda de uma das primeiras greves da Ford nos Estados Unidos em 1939.

Máquinas paradas, começou a negociação entre patrões e empregados, estes representados por Lula. Os patrões queriam dar 3% de aumento. Numa reunião de 20 horas, chegou-se ao acordo de 11% de aumento para 150 mil operários do ABC, 5,5% em junho e 5,5% em outubro. E pagamento integral de todas as horas de greve. Mas não é a vitória final, diz Lula: "a cada passo que a gente avançar a situação vai ficar mais difícil; cascas de banana começarão a ser jogadas na nossa frente, e vamos tentar nos desviar delas..."



Júlio de 1960: greve dos operários do Moinho Paulista, Santos, SP

**"Carestia está matando",
"Fora com os gringos da carne", "CMTC assalta o povo" diziam os cartazes da greve dos metalúrgicos de 1960, em SP.**



Greve nos bananais de Itanhaém, SP, em março de 1963



Greve dos metalúrgicos, São Paulo, novembro de 1960



OS GREVISTAS



Ronaldo, o petroleiro.

CUSTÓDIO COIMBRA

Petroleiros

fazem mini-greve

No dia 19 de maio correu um boato no Rio de Janeiro. Os trabalhadores da produção de óleos lubrificantes tinham feito greve.

— Não foi bem uma greve. É que, de repente, os trabalhadores resolveram, todos ao mesmo tempo, ir pedir aumento aos patrões. Mas sabe como é que é. É muito difícil encontrar os patrões, os chefes. Então, o pessoal ficou uma tarde inteira atrás deles, para conversar.

A explicação é do Sindicato dos Petroleiros do Rio de Janeiro.

Uma mini-greve, diríamos. Ou, mais precisamente, uma paralização muito pouco divulgada.

O fato é que, a partir dessa paralização, a Atlantic foi a primeira a se manifestar, porém, favoravelmente aos trabalhadores. E, segundo o sindicato, a multinacional concedeu um aumento de 20%. Um a zero.

No dia 9 de junho, um sábado, o Sindicato dos Patrões, em reunião com o pessoal do sindicato, surpreendeu: deu um aumento de 15% aos trabalhadores que ganham até dois salários mínimos e de 10% aos que ganham de dois a cinco salários. Os que ganham acima de Cr\$ 10 mil também receberam um aumento de 10%. O aumento vigora a partir de julho.

O mais interessante é que os representantes da Shell, Esso, Ipiranga, Petrobrás Distribuidora e a todas as outras tinham um argumento e uma arma eficaz para não dar o aumento e, quem sabe, nem dialogar. Afinal, petróleo é protegido pela Segurança Nacional, área em que nem se pode pensar em greve. Dois a zero.

Ronaldo Magalhães é o líder sindical no Rio que está botando pra quebrar. Meio chegado ao gordinho, muito simpático, brigador.

— Não consigo pensar mais em nada, só em sindicato. É fogo.

O que você acha de greve, Ronaldo?

— Nenhum líder sindical pode ser contra a greve. E qualquer abertura política tem que ter duas coisas: direito de greve e diálogo direto

entre os trabalhadores e as empresas. Mas o meu sindicato ainda não tem estrutura para fazer greve e os trabalhadores ainda não estão conscientizados. O trabalhador ainda tem medo, mas o nosso trabalho tem sido o de mostrar que ele não precisa ter medo. Ele tem que saber que deve ser responsável pelos seus atos. Tem que lutar, lutar pela abertura sindical. E os trabalhadores estão provando que podem fazer isso.

O que o seu sindicato quer, no momento?

— Melhores salários, mas que saiam dos lucros das empresas, sem onerar o povo, ou seja, sem aumentar o preço da gasolina e dos outros derivados de petróleo. O lucro das empresas é astronômico porque não trabalham com produtos tabelados.

Chico Júnior



Miguel, o veterano

RICARDO GONZALEZ

Tudo combinado.

Mas quem começa?

Miguel Dias, 42 anos, é veterano de greves no Brasil. Participou de duas.

— Uma foi no tempo do Jango, quando eu ainda trabalhava no Cambuci. Era uma fábrica pequena, mas nós paramos acho que foi em 62, por aí. Também era problema de salário, igual agora. Outra foi na Scania. E olha que eu pensei: acho que nunca mais entro numa greve.

Não por ser contra as greves, e se Miguel faz questão de explicar:

— Contra? Claro que não. Que operário pode ser contra a greve se é o único jeito de respeitarem seu direito? Eu achava que não ia mais por causa da situação. Principalmente da situação do operário. Veja bem, não é pra comparar mas naquele tempo o operário sabia muito mais da sua vida, era metido em entender de política, discutia. Hoje não. E tem outra coisa que eu acho importante: quando o operário sabe das coisas, tem dinheiro pra comprar um jornal, vê o repórter na televisão, pode ficar por dentro, então ele se acomoda e não quer nem saber. Ou outros que tem mais motivos pra fazer greve por exemplo, esses nem dinheiro pro jornal tem.

— O que? Furar a greve? Não, nada disso, meu caro. O caso é que a greve precisa de gente pra liderar, pra organizar, comandar. Então, esse pessoal que resolve, decide, chama os outros é que é importante. Pra esse papel a gente não serve. Ninguém vai furar a greve não senhor. Operário é operário, patrão é patrão. A gente sabe o lugar da gente. Só não tem mais aquela força de vontade, aquela coisa de moço pra empurrar o pessoal, fazer piquete, falar com cada colega explicando porque é que deve parar, essas coisas.

Como seus companheiros, Miguel Dias não gosta de contar como foi sua participação nessa greve.

— Não é por desconfiança não, mas você entende, é chato. Sai o nome no jornal, as pessoas ficam falando, cai no ouvido de quem não deve e a gente se complica. Mas o principal foi quebrar o medo do pessoal e só o pessoal mais antigo podia fazer isso. Quem já enfrentou greve, sabe como é, sabe o que tem de agüentar, essas coisas todas, daí os colegas ouvem, acham que está certo, que é isso mesmo, e se todo mundo parar eles também param. Mas quem começa? Daí é outro problema: ninguém quer começar, fica todo mundo desconfiado de que vai parar sozinho e outros vão dar pra trás, evita chegar cedo, fala da família... porque família é o problema maior. Quem tem gente pra sustentar sempre pensa duas vezes, fica vai-não-vai, até que não dá mais pra recuar. Quando chega nessa hora, ninguém segura.

Luiz Fernando Rodriguez



Joel: não gosta, mas faz

RICARDO GONZALEZ

Espiões na greve da Ford

Joel de Oliveira tem 24 anos, trabalha na prensa, tem uma cicatriz na mão que não explica, nem

SALÁRIO MÍNIMO EM DÓLARES

1959:	82, 87
1960:	75, 66
1961:	74, 25
1963:	73, 14
1964:	69, 89
1965:	57, 70
1966:	52, 90
1967:	48, 84
1968:	48, 71
1969:	47, 34
1970:	46, 80

Fonte: revista "Visão", 21.11.1970

diz quanto ganha, nem gosta de greve.

— E quem é que gosta de greve, meu chapa? Só bagunceiro. Quem trabalha pra comer não pode gostar mesmo. Faz porque não tem mais remédio, tá na pior então faz.

Também não tem boa impressão de sindicato, nem vontade de se meter em um. Nem paulista é o Joel, nem gostou do resultado da greve:

— Que é que adiantou? Prometeram pra não sei quando um tanto por cento e pronto. Daí conseguiram botar as máquinas pra funcionar de novo e não se fala mais nisso. É só a coisa morrer e volta tudo. O negócio era esperar parado até sair a grana. Com dinheiro no bolso a gente voltava pra trabalhar e aí sim não se falava mais. Agora, do jeito que foi, fica parecendo que tá tudo bem. Olha, como eu falei não gosto de greve. A gente só faz por causa do desespero. Mas quando faz, é pra fazer direito, numa vez só. Para, pede quanto acha que é justo, discute e resolve: se eles dão, pronto. Se não, espera. Parado.

Joel é casado, tem um filho de meses, mora em casa de cômodos que chama de barraco no Jardim Paulicéia.

— Na Ford tinha muito bico nessa greve. Eu não sei como é nas outras, essa foi a primeira desde que eu cheguei do Norte. Mas de um dia pro outro começou a pintar uns caras meio diferentes, e o pessoal já ficava bicando, apontando e logo todo mundo desconfiava de todo mundo. Até conhecido de muito tempo ficou se estranhando, a maior zona. Eu fiquei na minha. Chegava, botava os bagulhos no armário, ia pra máquina e só ali, olhando. Quando resolveram que iam voltar a trabalhar eu falei pros colegas: a gente vai fazer besteira, entrar no jogo dos caras. Mas tinham resolvido, que é que um sujeito só pode fazer?

E se eles realmente não cumprirem as promessas?

— Daí, meu chapa, eles vão perceber que não dá pra confiar em promessa. E a greve não acaba até a grana chegar no bolso.

Luiz Fernando Rodriguez

Na França, operários estão em greve há três anos

Em Paris, o repórter Paulo D'Alcantara entrevistou os líderes da greve mais longa da Europa, a da gráfica de Chaix, que já vai fazer três anos. Petit Gerard — secretário do Comitê de Greve da CGT e Secretário da União local — e Jean Houssard — representante dos operários e da CGT — falam sobre a greve e apoiam os trabalhadores brasileiros.

Como a CGT francesa consegue informações sobre as greves no Brasil?

Gerard — De muitas maneiras. Pelos jornais, nos próprios sindicatos e também diretamente, por pessoas que nos mandam informações. É importante que os operários brasileiros fiquem sabendo que nós estamos do lado deles e que apoiamos todas as suas reivindicações.

Conte como foi e está sendo a greve de Chaix. Por que vocês ocuparam a fábrica?

Houssard — Já em 1974 tinha acontecido uma greve de três semanas porque os donos da fábrica estavam querendo fechá-la. Achavam que não dava o lucro que eles pretendiam. Queriam mudá-la para o estrangeiro, onde a mão de obra é mais barata, por exemplo, o Brasil.

Gerard — Aqui, o salário mínimo está entre oito e dez mil cruzeiros. No Brasil, esse mesmo trabalhador ganha um ridículo salário de dois mil cruzeiros. Para os patrões, é muito mais lucrativo abrir uma empresa no Brasil. Em cima de cada operário eles ganham muito dinheiro. Mesmo assim, um carro no Brasil consegue sair mais caro do que os nossos. Deve haver alguma mágica.

Vocês tentaram negociar?

Gerard — Claro. O nosso interesse era manter os trabalhadores em seus empregos, mas a coisa chegou a tal ponto, que não existia mais condições de diálogo. Já dava para sentir que a greve ia durar muito tempo. Então, começamos a



A gráfica Chaix, ocupada há quase três anos: operários discutem

PAULO D'ALCANTARA

ocupar a fábrica, para colocar as máquinas funcionando e os operários trabalhando. O fechamento da empresa iria aumentar o desemprego e o material ia se estragar.

Houssard — Outro tipo de trabalho foi mobilizar a opinião pública, para que eles entendessem nossas reivindicações e ajudassem na luta. No início fomos obrigados a ocupar monumentos históricos, Biblioteca Nacional e até parar o trânsito numa das saídas da cidade. Paramos trens, fizemos colagens dentro dos trens, no metrô.

E qual foi o resultado?

Houssard — Através de tudo isso, conseguimos informar a opinião pública do porquê de nossas ações. Regularmente, distribuimos panfletos nos supermercados, explicando o nosso problema.

Existiu alguma tentativa da polícia de tirar os operários de lá?

Houssard — No dia em que descobrimos que o governo queria fazer uma invasão, com a polícia, fizemos uma mobilização muito rápida. Já tínhamos contatos com os operários das outras fábricas de Saint Ouen (St. Ouen é uma das maiores zonas industriais da França, localizada ao Norte de Paris) e reunimos, rapidamente, um grande grupo composto de representantes de todas as fábricas da região. Fomos à Prefeitura para avisar que, se o governo mandasse a polícia invadir e expulsar os operários, todas as outras fábricas iriam reagir, de uma forma ou de outra. A polícia não invadiu.

E como vocês estão vivendo, atualmente?

Houssard — Recebemos 40% do

nosso salário. É claro que fica mais fácil se existem dois assalariados em casa. Não se pode comer isto ou aquilo, mas tudo bem. Tivemos que cortar os passeios, as festas e até mesmo passar o fim de semana fora.

Gerard — É muito importante a participação da família nessa luta. Todos os que abandonaram a luta foi por razões familiares.

E o futuro?

Gerard — Nós continuamos a defender, não só os nossos direitos, mas também o de salvar uma empresa rentável, que não pode fechar. Porque, se partirmos desse princípio, de fechar um hoje, outra amanhã, acabaremos por ter grandes problemas. O desaparecimento de empresas é um caminho que levará a própria cidade a morrer.

Operário italiano dá uma força

A repórter Cristina Duarte ouviu, em Milão, o secretário-geral da Câmara do Trabalho e membro da secretaria nacional da união de três dos principais sindicatos italianos. Lúcio de Carlini falou sobre greves, Brasil, e como foi a participação do sindicalismo italiano na queda do fascismo.

Aproveitando o momento atual brasileiro, de ressurreição do movimento operário, que tipo de solidariedade os sindicatos podem dar aos trabalhadores de outros países?

Carlini — Tanto a nível nacional, como a nível local, apoiamos plenamente as lutas da classe operária, em particular a dos países da América Latina. Fizemos, há pouco tempo, uma manifestação

pela democracia no Uruguai. Temos relações com muitos exilados de vários países da América Latina. Portanto, nos congratulamos pela retomada de uma iniciativa sindical no Brasil, pois sabemos quais são os riscos que correm os trabalhadores brasileiros.

Que papel tiveram os sindicatos na queda do fascismo na Itália?

Carlini — Basta pensar no papel que tiveram as greves dos operários milaneses, de massa, de todos os setores industriais, em março de 1943 e março de 1944. Em 1943, antes da queda do fascismo, as greves dos trabalhadores milaneses estiveram na base da queda de Mussolini. Um ano depois, as greves foram o detonador para a

popularização de massa da resistência armada. Em Milão, em Turim, em Gênova, nesse triângulo industrial, nessas duas ocasiões, no espaço de um ano o sindicato clandestino de então agiu como acelerador na queda de Mussolini.

O que tornou o movimento operário tão forte na Itália?

Carlini — Posso dizer que houve uma prolongada derrota do sindicalismo de classe no nosso país, nos anos 60. Comemos o pão que o diabo amassou e a classe patronal esperava que essa situação pudesse continuar para sempre. No final, houve a explosão, a partir de 69. Deve-se levar em conta que a força do sindicato dependeu do fato de que houve uma direção. Não foi um

fogo de palha que se extinguiu em um mês, mas uma longa luta que começou no início da década passada. O sindicato se manteve, resistiu, não se dividiu. Uma segunda característica é que o sindicato italiano é muito politizado.

Como você vê o surgimento, depois de tantos anos de repressão, de líderes sindicais que, às vezes, parecem ter saído do nada?

Carlini — Não, não saem do nada. A grande falha dos conservadores é justamente a de não compreender que anos e anos de super-exploração, de repressão, não podem ser contidos indefinidamente. Mais cedo ou mais tarde vem a explosão e a classe operária vai querer fazer as contas.

GREVISTAS



*Octavio
Ribeiro
apresenta*

A LOURA DA METRALHADORA



Fotos da "Loura" de Zeka Araújo

No dia 25 de agosto de 1972, três homens e uma mulher, de arma em punho, assaltaram a agência do Banco Bandeirantes do Comércio, em Parada de Lucas. Os jornais da época noticiaram o fato e, com ele, o aparecimento da Loura da Metralhadora nas paradas do crime. O assalto, a metralhadora e uma repercussão fantástica fizeram da mocinha de Goiânia uma personagem constante das páginas policiais. Seu companheiro, Luis Felipe Calado Sales, o Submarino, acusado de roubar 10 bancos, acabou assassinado em Belfort Roxo (responde processo pela sua morte os detetives Ivônio de Andrade Viana Ferraz, o Vianinha e seu grupo). Submarino tinha ligações com Liece de Paula, Antonio Branco, Horrroso e outros assaltantes. Para o assalto do banco ele roubou, no Rio Comprido, o fuscão DJ-4242. Ao ser preso ele disse: "Marta foi aprovada no seu primeiro assalto a banco." Nessa entrevista concedida ao repórter Octávio Ribeiro, o Pena Branca, Marta fala dos dramas, aventuras e desventuras da sua vida de assaltante, enquadrada na Lei de Segurança Nacional.

Dançarina era do trio que assaltou o banco em Lucas

Uma dançarina da Boate Charleston, na Praça Mauá, e dois maconheiros compunham o trio que assaltou ontem a agência

Trio exótico leva 36 mil do banco e deixa má impressão

Três figuras aparentemente novas no ramo dos assaltos a bancos — um branco baixinho e magro, um preto magro e muito alto e uma loura de calça Lee sem maiores atributos — levaram ontem à tarde Crs 36.515 do Banco Bandeirantes do Comércio em Parada de Lucas. Algumas impressões foram registradas ao longo do assalto. Empunhando seu revólver, o preto tirou o 38 do guarda. Simultaneamente, o baixinho, perdendo a aparência inofensiva, agia nos fundos da agência, desarmando o outro vigilante, que ainda fez menção de sacar o revólver. Mas achou mais prudente entregar-lhe a arma. A loura, que estava no chão, pediu para que o preto tirasse o 38 do guarda. Ela disse que não sabia de nada. Quando seu pai me levou no médico, eu tinha certeza de que ainda era virgem. Mas você não sentiu o homem? Claro que senti, mas eu não sabia, não tinha menstruação, eu não sabia de nada, não tinha a mínima orientação sobre sexo, nem sabia de que forma a gente poderia perder a virgindade, sempre naquela vida de roça, né? Minha mãe nunca explicou nada, eu era completamente uma criança inocente. Mais tarde, em Goiânia, conheci um camarada, alugamos uma casa, morei ali uns 20 dias e engravidei. Falei pra ele "olha, estou grávida". Ele se descolou. Enfim, eu acho que tive uma infância normal, uma vida normal até os meus quinze anos. Ai eu me perdi com um camarada...



REPORTER — Qual é o seu nome, sua idade, seu signo? Você trabalha, estuda?

Marta — Me chamo Marta Filomena Passos Mourão, tenho 25 anos, nasci em Goiânia no dia 22 de agosto de 1953, meu signo é Leão. Estudo o científico, 2º grau, isto é, estudo às vezes. Também às vezes faço alfomadas e serviços de escritórios, vou fazendo aquilo que sei pra me sustentar, entende?

REPORTER — Como foi a sua infância?

Marta — A minha infância em Goiânia não foi ruim, foi razoável. Meu pai sempre me deu carinho e custeou as minhas necessidades embora não possuísse grandes recursos. Eu o adorava, amava, mesmo depois da separação dele com a minha mãe. Na época eu tinha apenas dois anos de idade e só depois de grande eu tive certeza de quem me criava não era a minha mãe e sim uma madrastra. Mas isso nunca foi problema porque apesar de não ser criada com minha mãe, sempre tive educação, meu pai sempre pagou bons colégios. Enfim, eu acho que tive uma infância normal, uma vida normal até os meus quinze anos. Ai eu me perdi com um camarada...

REPORTER — Conta como foi o pagode...

Marta — Aconteceu numa festa de aniversário do colégio, então eu não tinha costume de beber e neste dia bebi muito, fiquei um pouco embriagada. Ai o cara me levou pra trás de uma igreja e me deflorou. Eu nem sabia que tava sendo deflorada, palavra de honra, porque eu não tinha conhecimento nenhum de sexo, não sabia de nada. Quando meu pai me levou no médico, eu tinha certeza de que ainda era virgem.

REPORTER — Mas você não sentiu o homem?

Marta — Claro que senti, mas eu não sabia, não tinha menstruação, eu não sabia de nada, não tinha a mínima orientação sobre sexo, nem sabia de que forma a gente poderia perder a virgindade, sempre naquela vida de roça, né? Minha mãe nunca explicou nada, eu era completamente uma criança inocente. Mais tarde, em Goiânia, conheci um camarada, alugamos uma casa, morei ali uns 20 dias e engravidei. Falei pra ele "olha, estou grávida". Ele se descolou. Enfim, eu acho que tive uma infância normal, uma vida normal até os meus quinze anos. Ai eu me perdi com um camarada...

Ai voltei pra casa de minha mãe e depois fui morar com uma irmã até o nascimento de minha filha Andréa...

REPORTER — Hoje você vive do quê?

Marta — Eu faço alfomadas, vou fazendo o que dá. Alguns serviços em escritório.

REPORTER — Você aprendeu a fazer alfomadas com sua mãe?

Marta — Não. Aprendi na penitenciária feminina Talavera Bruce, em Bangu. Passei um tempão lá, tudo porque ajudei a assaltar uma agência do Banco Bandeirantes do Comércio, em Parada de Lucas. Isto aconteceu em 1972, época que eu trabalhava de doméstica num casal que tinha dois filhos, eles moravam em Cachambi. Eu não tinha ordenado, era tratada como uma filha. Então conheci um rapaz que morava perto de mim, chamava-se Luis Felipe Calado Sales, tinha o apelido de "Submarino", era um camarada bonito, um tipo: alto, branco, forte, cabelos lisos... Contei-lhe todo o meu drama com as dificuldades surgidas na casa daquela família e ele respondeu assim: "Olha Marta, a única coisa que posso fazer é tentar arranjar algo pra você conseguir um bom dinheiro." Nesta época eu pensava em

ser prostituta mas não em assaltar. Um dia fui ao apartamento, ele estava acompanhado com dois caras conhecidos por Paulo e "Play-Boy". Fomos de carro até a porta do banco, ai ele falou pra mim "olha, Marta, o problema é o seguinte: este banco tá escoltado, tá na maior limpeza, nós precisamos da sua cobertura, o dinheiro que falei que você podia ganhar é este, vai resolver a sua vida".

REPORTER — Qual foi sua reação?

Marta — Fiquei nervosa, aflita. Falei que era inexperiente, pedi pra ele não fazer isto comigo, mas ninguém quis conversa. O meu amigo decidiu "isto é um caso de vida e morte. Você entra, assalta e faz o nosso jogo senão morrerá." Ele ensinou-me a mexer com uma arma, disse que caso alguém reagisse eu tinha que apertar o gatilho dando um pulo pra trás. Ele entregou-me um revólver com o cão puxado pra trás, era só apertar o gatilho. Meu nervosismo aumentou só em pensar que eu poderia ferir ou matar alguém dentro do banco, entrei em pânico, foi uma coisa horrível...

REPORTER — Pera aí, Marta. Cumequê que o "Submarino" topou arriscar um possível fracasso confiando a você a cobertura do assalto?

Marta — Sei lá, é um pouco impossível isto, eu às vezes penso muito nisto. O que houve é que um dos amigos dele faltou o apontamento e então fui escolhida pra substituí-lo. Não pude replicar nada, fiquei quietinha, não podia reagir diante de três bandidos, três feras, entende? Eu tinha quase 20 anos, não queria morrer com aquela idade. Na porta do banco, do lado da rua, havia um guarda de segurança, ai o "Submarino" falou pra ele "olha, é um assalto, entregue sua arma, vá lá pra dentro com a gente." O guarda assustou-se, não reagiu, entregou logo o revólver.

REPORTER — Diga o esquema do assalto.

Marta — O "Submarino", o Paulo e eu entramos armados no banco, o "Play-Boy" ficou esperando no carro pronto pra fuga. O meu amigo ordenou pro pessoal deitar no chão e pro guarda indicar quem era o gerente, que foi logo avisando: "ó, eu não tenho a chave do cofre!" O "Submarino" retrucou "como é que você é gerente do banco e não tem a chave do cofre? Você sabe que não posso perder tempo, abra logo o cofre senão vai morrer." O gerente abriu o cofre, fiquei vigiando a porta, procurei me manter fria, o mais fria possível, porque os três bandidos me disseram "olha, não pode tremer, não

tem problema de tiro, eles ficam logo intimidados." Mas na hora eu senti a maior tremedeira, mal conseguia segurar o revólver, as minhas pernas tremiam muito. Ai pensei: "meu Deus, que horror, como é que vou me controlar agora..." é um momento tão aflito que a gente não deve pensar em Deus, mas sei lá, no meu pensamento só vinha forças, Deus, minha filha que tinha apenas oito meses, tudo. Eu me controlei ao máximo mas o meu nervosismo aumentou quando uma moça olhou pra mim e gritou, um grito de pânico. Fiquei chocada, me achei assim bruta um pouco animal diante daquelas pessoas deitadas no chão. Um rapaz olhou fixo nos meus olhos, fiquei envergonhada, não queria acreditar que naquele momento eu tava representando uma assaltante de banco. Ai ordenei pra este tal rapaz deitar no chão, ele me obedeceu mas sempre com o olhar pra cima de mim, como o da moça também.

REPORTER — Por que você correu no banco?

Marta — Foi quando o "Submarino" tava dentro do cofre e o "Play-Boy" saiu do carro gritando pra nós "Luís, Luís, vamos embora, sujou, sujou!" Larguei tudo, corri pro interior do carro. O "Play-Boy" se estourou "vacilona, você deixou os caras lá dentro sem cobertura?" voltei correndo pra porta do banco, tinha que cobrir os meus dois companheiros lá dentro. Acho que o "Play-Boy" gritou que a barra tava suja porque ele tava muito nervoso, era seu primeiro assalto, era primário como eu. O "Submarino" entrou no carro irritado comigo, falou "cretina! você tem mais é que morrer, como é que você vai gritar o meu verdadeiro nome lá dentro do banco?" Eu disse apavorada "não, não fui eu". O "Play-Boy" ficou calado, não se acusou, não disse que tinha sido ele que gritara "Luís, Luís". Foi uma guerra tremenda, sabe? Fugimos no carro roubado pela Avenida Brasil, fiquei numa praça aguardando o meu amigo ir num local dividir o dinheiro do assalto. Ele regressou dirigindo do seu próprio carro abriu o porta-luvas e me mostrou um monte de pacotes de notas de 50 e 100 cruzeiros, disse que ali tinha uns 23 mil cruzeiros mas não explicou quanto seria a minha parte. Ele falou "você não gostou? tá com dinheiro, vai começar a comprar suas coisas, vai ter o que você quer, dinheiro nas mãos, tudo bem." Eu disse que não tava disposta a participar de outro assalto, ele irritou-se "olha, você deixa de ser covarde, tem que participar, você começou e agora não pode parar mais, não pense em fazer bobagens, agora você é

minha mulher." Eu disse apenas "tá bom", fingi concordar, queria apenas que surgisse a primeira oportunidade pra eu fugir pra longe dele...

REPORTER — Você não gostava dele?

Marta — Quando conheci o "Submarino", ele era muito amável, romântico. Eu era tão carente de pai, de mãe, de amor, de tudo. E ele me chamava de neném. Eu me sentia a rainha junto dele, só com aquelas palavras de carinho, de amor. Depois tudo mudou, ele afundou a minha vida, completamente. Se não fosse o assalto eu poderia estar bem melhor. Li nos jornais que ele tinha morrido durante um tiroteio com a Polícia. Não sei bem como foi o negócio porque não me interessei em saber, entende?

REPORTER — Quanto rendeu o assalto?

Marta — Um total de 36 mil e pouco. O "Submarino" dividiu o dinheiro com o Paulo e o "Play-Boy" e disse que tinha ficado com uns 23 mil. Mas a Polícia afirmou que tinha encontrado apenas 17 mil no porta-luvas. Então não sei de mais nada, né?

"Pega o fio e dá choque nele e ele vai dar choque em você"

REPORTER — Como você foi presa?

Marta — Naquele mesmo dia, ele resolveu procurar o cara que não compareceu ao apontamento do assalto. Fomos pro Jacarézinho, não podíamos imaginar que este sujeito havia nos denunciado à Polícia. O "Submarino" entrou num botequim, fiquei no carro. Aí um mendigo aproximou-se do carro, tava com uma roupa muito esquisita, blusa suja e calça rasgada, tudo muito ruim. Fiquei com pena dele, perguntei-lhe se ele queria uma esmola, o cara me deu um susto "você tá presa, bota as mãos na cabeça". Eu falei "o que é isto? o que significa isto?" ele respondeu "significa que você assaltou um banco e agora tá presa, dê os braços pra eu botar as algemas." Obedeci, no momento que o "Submarino" chegou perto de mim algemado.

REPORTER — O pau cantou ali?

Marta — Os policiais chutaram o corpo de meu amigo, falaram "há quanto tempo que nós lhe queremos, vivo ou morto, ah... e você caiu em nossas mãos, hein?" chegamos no 23º distrito



Este é Submarino (que segundo Marta, afundou a sua vida) e a própria, bem mais loura, na época do assalto.



policial, no Méier, o "Submarino" desceu da viatura levando chutes e socos. Fiquei apavorada, subi correndo as escadas, gritei no cartório "pelo amor de Deus, não me batam, não me batam!" aí o gerente e o pessoal do banco chegaram, eles disseram "é ele, é ela, foram eles que assaltaram o banco!" Ficamos em salas separadas. Dois dias depois, o meu amigo ficou com muito ódio de mim, um policial disse a ele "você não é valente, não é assaltante de banco? pois bem, andei com sua mulher, fiz isto, fiz aquilo, ela é muito gostosa, muito boa". Ele se irritou, foi até a porta de minha cela e falou "sua cretina, safada" me xingou de todos os nomes, disse que na primeira oportunidade iria espetar minha cabeça num bambu e daria machadadas nela porque eu era uma pilantra. Eu ponderei "calma, não houve nada disto, não fiz nada com ninguém, é mentira da Polícia!" Ele não acreditou em mim e então os policiais evitaram que nós se encontrássemos nos corredores.

REPORTER — Você apanhou na 23ª Delegacia?

Marta — Claro que apanhei, né? Um camarada me bateu com um cassetete, com um livro, me deu uns tapas. Outro me chutou, me jogou no chão, puxou os meus cabelos, gritou "cadê a peruca, cadê a peruca?" eu chorava, dizia "não usei nenhuma peruca no assalto" mas o gerente do banco se confundiu, achou que eu entrei no banco disfarçada com uma peruca loura. Não houve nada disto, naquela época eu tinha cabelos louros,

compridos (agora usa cabelos curtos, pretos) e expliquei pra eles que o único disfarce que usei foi um óculos escuro. Foi terrível, fiquei ali uns 15 dias e pelo menos apanhei durante uns dois dias...

REPORTER — Sem parar?

Marta — Não, eles me davam descanso, alimentação, e diziam que "esta comida é pra você suportar o pau, pra você abrir o jogo das coisas." Olha, algumas vezes fiquei nua nos interrogatórios, os policiais comentavam assim "ela é boazuda" "ela não é boazuda" "é uma merda" "o corpo dela não tá com nada" "ela tem uma vagina bonita" "tem que levar pau aqui, ali", uma porção de coisas feias...

REPORTER — Você viu o "Submarino" ser torturado?

Marta — Meu amigo apanhou muito, sabe? Deram inúmeros papéis pra ser assinado, ele não concordou e o pau continuou, só parou quando o "Submarino" resolveu assinar um monte de inquéritos.

REPORTER — Quais os nomes destes torturadores?

Marta — Isto não vou falar, não vou revelar nenhum nome de policial nesta entrevista. Aí fomos transferidos pra Delegacia de Roubos e Furtos, na rua Marechal Floriano. Chegando lá fomos recebidos por um delegado de cor branca, ele falou pro "Submarino" "olha, rapaz, você já sabe o que tem pra assumir?" Ele falou "sei, sim senhor" "Então você vai confessando mais coisas que eu tenho certeza que não foi só isto que você fez, vai falando porque o pau aqui

não é mole não!" Aí entramos numa sala, vimos um sujeito ser torturado, tava com os braços e as pernas amarrados e dependurados num pau horizontal...

REPORTER — O desgraçado do pau-de-arara, né?

Marta — É isto mesmo, sabe? O delegado mostrou o rapaz machucado e disse "olha, você vai ficar como este cara aqui", nisso um policial me apanhou pelo braço e falou "você vai abrir o jogo porque vai sambar também, porque aqui mulher ou homem apanha do mesmo jeito." Aí fiquei apavorada vendo aquele rapaz todo machucado, ele tinha uma sunga, eles jogavam água nele, pegavam um cacete e batiam nele... eu falei "não vou suportar este espancamento, eu tenho certeza que não vou aguentar, prefiro morrer, mesmo porque vocês vão me bater injustamente, eu não tenho nada que falar." Foi uma guerra tremenda, eles me davam um descanso, daqui a pouco vinham novamente, faziam inúmeras perguntas, eles não me bateram não, só um policial que veio com uma máquina do tamanho deste gravador e disse "olha, você vai ser torturada agora, este fio aqui vai lhe deixar entorpecida." Eu falei, "é, tá bom", ele retrucou "pega este fio e vai dar choque no "Submarino" e ele vai dar choque em você." O meu amigo gritou "não vou dar choque nela!" Eu falei "também não vou dar choque nele, não sei como fazer isto." Aí o policial prendeu o fio nas pontas dos meus dedos, nos meus seios. Depois ele rodou uma manivela da máquina, recebi vários choques. Gritei,

pedi pelo amor de Deus pra que eles não fizessem aquilo comigo, dei gritos histéricos, falei "eu vou morrer, tô quase morta, estou a ponto da loucura, vou me suicidar", o choque doía muito, estremeia todo meu corpo, sabe, mexe com todas as células da gente. Outro delegado pediu que parassem, que ele próprio iria me interrogar, que ia tomar conta do meu caso. Aí eles pararam, não mexeram mais comigo...

REPORTER — Você não recebeu nenhuma cantada de algum policial ou de um bandido?

Marta — Claro que levei, homem é homem, tanto faz ser policial ou bandido. Ah... teve uns caras lá que diziam que meus lábios eram sensuais, que eu tinha uma forma de falar gostosa, que meus olhos diziam muita coisa, uma porção de bobagens. Mas a cantada mais séria que levei foi do bandido e falecido "Marta Rocha", ele chegou a oferecer a um delegado uma nota de 5 mil cruzeiros pra o cara deixar eu ter relação com ele. O delegado não aceitou aquela proposta e aí eu soube e dei uma gozação no bandido "Olha, Marta Rocha, vai ser muito engraçado eu ter uma relação sexual com você, Marta amando Marta, um pouco esquisito, né?" Foi aquela encarnação.

"Tirou uma gilete da boca e passou no rosto da outra"

REPORTER — E o que a imprensa deu sobre você?

Marta — Ah, muita coisa, disse que eu tinha assaltado vários bancos, que eu era uma fria, uma calculista, falou também que eu tinha roubado carro, coisa que não aconteceu, que eu era a loura da metralhadora, a loura da pistola, a loura sinistra, que eu tinha vindo de Goiás há pouco tempo pra vir tentar ganhar a vida aqui através de assaltos, que eu era mulher de inferninhos, enfim, tudo mentira. Eu via meu rosto nos jornais como se eu fosse uma tremenda bandida, os repórteres não quiseram ver também o meu direito, embora eu tenha me negado a conceder entrevistas, sabe, é uma coisa assim horrível, você fica sem condições de falar, eu não podia dizer que tinha sido vítima dos três bandidos, que tinha sido coagida, porque sempre estava junto deles quando os repórteres me procuravam, entende? É duro, você falar diante duma pessoa que quer lhe devorar, né?

REPORTER — Existe mordomia na Delegacia de Roubos e Furtos, isto é, como é a bóia lá?

Marta — A princípio eu fiquei sem alimentação, porque tava sem dinheiro, eu só tinha 100 cruzeiros mas os policiais apanharam de mim alegando que era dinheiro roubado no banco. Passei dois dias só tomando café ou guaraná, eu não tinha fome. Depois quando ela apertou falei com um delegado "olha, tô dois dias sem comer nada, sinto-me fraca e desnutrida e o senhor não faz nada por mim?" Ele falou: "você não tem dinheiro?" "Não, senhor, não tenho dinheiro." "Aí ele me emprestou uma importância pra eu comprar comida numa cantina. Devorei um prato cheio de chuchu com camarão, arroz, salada e feijoada. Repeti a dose, matei a minha fome, entendê?"

REPORTER — Conta aí como foi o período, depois desse, em que você foi pro presídio S. Judas Tadeu.

Marta — O presídio fica no pátio da Polícia Central, na rua dos Inválidos. Naquele tempo o diretor era o Dr. Carneiro, mais pai do que diretor. Ele tentou acabar com aquelas guerrinhas e conflitos que haviam lá dentro...

REPORTER — Diga lá estas guerrinhas...

Marta — Eram brigas de mulher disputando mulher, uma briga tremenda, uma queria devorar ou cortar a outra. Algumas preparavam estoques com o cabo da colher, com pedaços de caneca, com cacos de vidros. Quem comprava giletes ficava com seu nome registrado num livro, elas tinham que devolver, sabe?, mas muitas davam golpes e não devolviam, escondiam as giletes dentro da boca. Eu descobri esse esconderijo quando vi duas mulheres brigando. Uma falou assim: "Você tá muito enganada comigo, eu não sou nenhuma fanchona pra sustentar ou curtir gurria dentro da cadeia, não". A outra desafiou "repete isto se tem coragem", houve a repetição e aí a segunda mulher tirou uma gilete de dentro da boca e passou no rosto, peito, pescoço da outra. Eu achava impossível esconder uma gilete no interior da boca mas lá muita delas acham isto fácil.

REPORTER — Cumequíé esta cadeia?

Marta — São dois alojamentos com um monte de boliches espalhados. O alojamento A é pras internas mais antigas e de bom comportamento e no B ficavam as de mau comportamento e as novatas. Além destes dois salões tem a cozinha, biblioteca, banheiro e sala de passar roupa. A comida era razoável, às vezes eram boas e outras vezes ruim. Havia



★★★★★★★★

uma funcionária que vigiava a cozinha, era pra evitar que alguma mulher colocasse veneno nas panelas pra matar outra mulher.

REPORTER — Explique melhor este amor com ódio entre as mulheres de lá.

Marta — Tem dois tipos de mulher, a ativa e a passiva. A ativa é a fanchona, a que roça por cima da passiva. Por exemplo: uma ativa escolhe uma presa pra amá-la. Começa mandando bilhetinhos, uma piscadinha, enfim um namorinho, entende?, as mulheres na prisão ficam carentes de amor sexual, sem um homem, sem uma visita, sem nada. Aí ela encontra uma mulher que lhe oferece uma fruta, um cigarro, paga o tratamento de suas unhas, e aí uma se apega a outra.

REPORTER — Qual a função de cada uma?

Marta — A mulher ativa prepara a roupa da passiva, engoma, dá tudo arrumadinho, tudo direitinho, dinheiro, paga advogado, etc. A fanchona fala assim pra gurria: "olha sou fanchona, sou isto, sou aquilo, e comigo gurria tem que ficar no seu lugar, por baixo de mim, pra isso eu dou tudo, deixo até o leitinho preparado." Quando a passiva tenta reagir, a fanchona reprime: "olha, você tem que lavar minhas roupas, tratar de mim muito bem. Eu faço almofadas e outras coisas pra arranjar dinheiro e lhe dar."

REPORTER — E os bilhetinhos, como eram?

Marta — Tem de vários tipos, mas sempre dizem estas frases: "eu te amo desde a primeira vez que te

vi", "gostei de você, gostaria de manter um amor com você", "gostaria de te beijar, de te apertar, de falar pertinho de você". Enfim, o que uma mulher pode dizer de palavras amorosas pra outra, ela diz.

REPORTER — Você recebeu algum bilhetinho?

Marta — No princípio as presas me encaravam normalmente porque lá dava muito entrada de subversivas, eu também tava no rol das detidas pela Lei de Segurança Nacional, eu acho que fui a primeira assaltante de banco que entrou naquele presídio, isto é, sem ter cometido crime político. Uma vez uma moça de lá gostou de mim, não sei qual era a pretensão dela, se era ativa ou passiva. Só sei que no início ela ficou muito minha amiga. Eu era inexperiente numa cadeia, acreditei nela, me arrependi. Depois de mais ou menos um mês, ela começou a me tratar mal, ser grosseira comigo, tentou me prejudicar várias vezes, tentou me remover pra penitenciária de Bangu, mas não conseguiu nada.

"Tem uma tábua um vaso imundo, a boca de boi, ratos e baratas"

REPORTER — Vem cá, como é que a fanchona fazia pra transar com a passiva? Ninguém via?

Marta — É um amor muito difícil de ser feito, algumas arrumavam os travesseiros nas camas, prendiam perucas nas cobertas, como se fosse uma pessoa que estivesse dormindo naquele beliche. Depois saía escondida pra se encontrar com a outra na biblioteca, no banheiro ou na rouparia que ficavam com as portas abertas. Nunca vi uma roçar com a outra, apenas presenciei casos de abraços, apertões, beijos na boca e outras coisas. Vi nascer e morrer muitos amores revoltados, cheios de desejos, e daquelas uniões, aquele amor cego.

REPORTER — Aonde você estava quando foi condenada?

Marta — Fiquei um ano no São Judas Tadeu, só fui transferida pra penitenciária Talavera Bruce, em Bangu, depois que fui condenada na Auditoria Militar a 10 anos de prisão.

REPORTER — Como é a penitenciária Talavera Bruce, em Bangu?

Marta — Uma pessoa que teve uma criação aqui fora, uma boa educação, nunca aceita o ambiente de uma cadeia, principalmente a penitenciária de Bangu. Aí tem muito castigo, perseguição de guardas, traição das internas. Por uma bo-

ragem qualquer a guarda cria um problema, cria uma confusão e a gente não tem o direito de se defender. Lá em Bangu existe muito espaço, mas o que mais existe são as guardas pra impedir a gente de transar nesse espaço.

REPORTER — Vamos por partes, diga como foi seu primeiro dia naquela penitenciária?

Marta — Você já foi alguma vez na Talavera Bruce?

REPORTER — Fui uma vez...

Marta — Talvez você como repórter não possa ver aquilo como é, sei lá, não senti aquele choque, aquele aperto no coração aquele a presa entra lá. Quando cheguei lá me encaminharam pra sala de visitas das internas subversivas, me revistaram toda. Saí da sala e me deparei com um corredor enorme, tão frio, tão carente. Entrei nele com a guarda segurando meu braço, falando pra eu não conversar com ninguém. De repente entrei noutro corredor lá na frente e vi uma porção de mulheres com aqueles uniformes listrados e sapatos preto. Elas puxavam as costas comigo: "você é que é a assaltante de banco?" "Tá condenada a 10 anos?" A guarda não deixou eu responder, me puxou grosseiramente pelo braço, fui levada pra sala da Segurança. O chefe perguntou pra mim: "prefere ficar vivendo com as subversivas?" Respondi: "tanto faz." Ele então aconselhou que na coletividade de crime comuns seria mais fácil pra eu viver pois no pavilhão das subversivas eu passaria o dia trancada na cela, com horários diferentes e tudo mais. No final ele acabou me mandando pro pavilhão dos crimes políticos, passei cinco dias trancada num cubículo sem falar com ninguém, era o tal do teste do silêncio pra ver se a interna tem bom comportamento. Um dia o Superintendente estava visitando aquele pavilhão e pediu que abrissem a minha cela. A diretora que acompanhava ele falou: "Já conversei com esta moça, acho que ela poderia conviver com a coletividade, não acredito que ela tenha capacidade pra colocar nas mentes das presas comuns a ideologia marxista." Assim fui pro convívio, pra galeria...

REPORTER — A disciplina lá é muito rígida?

Marta — Lá é fogo, é uma prisão enorme e quase não tem cadeado, tem muita é vigilância ostensiva das guardas, elas gostam de enviar a gente pra cela surda...

REPORTER — Como é esse pedaço?

Marta — É uma cela com uma tábua como cama e um vaso imundo apelidado de

"boca de boi". Tem ratos e baratas pra burro, a gente quase não consegue dormir a noite porque os ratos ameaçam subir na pessoa, é um horror, pavoroso, sabe? É completamente escuro.

"Me apaixonei por uma loura argentina de pele lisa"

REPORTER — Você enfrentou esta surda?

Marta — Passei lá um mês, parecia que eu tava enfrentando um inferno, passei a maioria do tempo dependendo na grade da porta com medo das baratas e dos ratos.

REPORTER — Por que você foi castigada?

Marta — Comecei a namorar uma garota de lá, não sei se foi bem um namoro, entende? Ela ficou minha amiga e começamos uma sólida amizade. Ela era desprezada pelas outras e eu achei aquilo injusto e me liquei nela, sabe? Um dia ela desviu a atenção de mim e passou a dar atenção a outra garota. Não aguentei, falei com ela: "Tô gostando de você, quero você, preciso de você, quero que fique comigo."

REPORTER — Qual o nome dela e que crime cometeu?

Marta — Ela chamava-se Diana, era toda mulher, toda bonita, tinha a minha altura, 1,67 metros, olhos e cabelos castanhos, cílios grandes, uma boca bem feita, um sorriso atraente, um corpo bem feito, bonito, uma pele lisa, branca. Ela era argentina, veio de Buenos Aires, chegou dura com o marido. Os dois estavam famintos e resolveram assaltar um motorista de bandeira dois, ele reagiu e conseguiu dominar os dois. A Diana foi presa e seu marido fugiu, abandonando-a na cadeia. Foi condenada a quatro anos e já cumpriu dois. Mas como eu tava dizendo, declarei meu amor por Diana, disse inclusive que gostaria de beijá-la. Ela respondeu: "tá legal." Um dia eu falei pra ela: "olha, tal hora você vem aqui na zeladoria do chefe." No horário marcado a Diana foi lá. Távamos se beijando quando a guarda deu o flagrante e já saiu na decisão: "todas as duas serão recolhidas na surda, por causa do lesbianismo". Minha amiga foi espancada e depois fomos recolhidas em celas separadas.

REPORTER — Mas depois você não transou com a Diana?

Marta — Um dia falei com e'a: "puxa, será que hoje vai condições de praticarmos

um sexo e tal, esta guarda dorme muito e a gente pode deixar uma aqui vigiando." Diana respondeu: "Tá bom, o seu cubículo tá aberto?" Aí ela falou com uma guarda e pediu para ir no pavilhão tal. "Pode ir mas não demore" e fomos rápidas pra galeria C e se trancamos no meu cubículo.

REPORTER — O que vocês fizeram?

Marta — Eu suspendi meu vestido e abaixei minha calcinha, deixei uma parte dela presa na perna pra poder vesti-la rapidamente, caso houvesse alguma bronca. Depois tirei o meu sutiã, ela não quis tirar o seu. Eu beijei-a, ela me beijou na boca me apertou os peitos, alisou minhas pernas, a bunda, e disse que eu era gostosa, que continuasse beijando-a, que naquele momento a gente devia esquecer que tava na cadeia e se ligar só naquele momento, no sexo, que nós não poderíamos esquecer mais aquele dia. Aí ela ficou por cima de mim, me roçou...

"Vai fazer o que? Tem mais é que transar com mulher"

REPORTER — O que você sentiu?

Marta — Não sei explicar direito esta sensação que senti, sei lá, não é um sexo normal, é um sexo de desejo, um sexo que a gente tá em falta, que de uma forma ou de outra a gente consegue se realizar mesmo não se tendo um homem. É uma diferença muito grande mas que naquela hora a gente não percebe direito. Primeiro que a mulher não tem pênis, segundo que a gente sente uma mulher por cima de nós, com aqueles seios e a voz fina. Mas naquela agonia, a gente só pensa em ser beijada, ser acariciada. Roçamos clitórios com clitórios, gozamos muito. Eu senti uma sensação muito gostosa, não sei se é porque fiquei muito tempo sem carinho, sem aconchego de ninguém, que eu me sentia rainha naquele momento.

REPORTER — Transaram mais vezes?

Marta — Transamos algumas vezes mas tinha que ser uma coisa bem estudada, tinha que se escoltar muito as guardas, tinha que pagar uns 50 ou 100 cruzeiros pra uma interna ficar vigiando...

REPORTER — Tem muitas fanchonas em Bangu?

Marta — Tem sim, sabe? O que mais existe lá é lesbianismo, também pudera, tem pessoas condenadas a 20, 30, 50 anos de cadeia e não recebe nenhuma visita



íntima. Agora pergunto, ela vai fazer o que? Tem mesmo é que transar, roçar com mulher mesmo.

REPORTER — Além da Diana você curtiu com outra mulher na prisão?

Marta — Depois que saí do castigo, todo mundo ficou sabendo que eu tinha tido um caso com uma mulher lésbica, que eu estava gostando da Diana. Aí elas encarnavam, diziam pra mim "puxa, como você tem uma bunda bonita" "você tem olhos lindos" "você tem um andar bonito, deve ser muito gostosa" "queria dar uma roçada contigo" "tenho vontade de lhe dar uma chupada", enfim, estas coisas todas. Mas lá dentro a gente cede se quiser, se não quiser, não tem problema. Mas a gente não querendo, elas passam a perseguir, levantam calúnias, tentam flagrar pra nos entregar as guardas, um inferno. Eu sofri muito, fui muito perseguida pelas lésbicas, mas consegui superar este problema, não me entreguei a mais ninguém, passei a levar tudo na brincadeira, e elas perderam a batalha.

REPORTER — Você não foi ameaçada por nenhuma delas?

Marta — Pra escapar das perseguições das lésbicas eu mudei de serviço, trabalhei na administração, zeladoria e na cozinha. Uma vez uma fanchona pediu que eu amasse ela, eu falei: "Não tenho condições de lhe dar meu amor, não gosto de você", ela ponderou "mas tenho certeza de que você é guria, parei na sua, fiz as suas unhas e não cobre nada. Porque você não quer nada comigo?" Aí ela pegou um caco de vidro e se retalhou toda, se cortava e dizia "Marta, diz que me ama, diz que me ama". Eu respondi: "Não vou lhe iludir, não vou lhe amar." Eu continuei

negando, as guardas chegaram, levaram-na pro pronto socorro.

REPORTER — Você conheceu outro presídio?

Marta — Antes de ser transferida pra detenção de Niterói, eu morava na galeria D, plaqueta ouro e verde, que representa comportamento excepcional. Voltei a trabalhar com o mesmo chefe, ele gostava de mim e me pediu que eu voltasse. A pressão das lésbicas foi terrível. Como o serviço na cozinha a pessoa ficava isolada, pedi pra ir pra lá. Só tem uma guarda cuidando das internas, uma trabalha na copa, outra na seção de legumes, outras cortam tempero, catam arroz, descascam batatas. Fui transferida pra galeria C. Cansei daquele serviço e retornei ao serviço de administração, retornei pra galeria D. Aí escrevi pro Presidente da República, pro Conselho Penitenciário, pra vários lugares, sabe, que podia me socorrer. Daí eu arrumei uma confusão, me liguei a um camarada, passei a ter romance com um homem, um soldado da PM que já tinha sido escolta minha pro Fórum...

REPORTER — Vamos lá, conte esta transa...

Marta — Nós íamos ficar noivos lá mesmo dentro da prisão, pretendíamos casar, breve. Uma vez, na visita, eu tava com ele no pátio. Recebi um beijo na boca. Aí o cara me pediu que eu mostrasse meus seios a ele, eu fiquei meio deitada, encostada um pouquinho no ombro dele, puxei o sutiã e mostrei, sabe? O chefe da segurança tava no gabinete do diretor, viu a cena, mandou me chamar. "Olha, a sua visita tá cortada, você vai ser transferida". Perguntei irritada "Por que?" "Porque você tá

atentando ao pudor. Aí eles resolveram me mandar pra Niterói e eu tentei me suicidar...

REPORTER — Como?

Marta — Tomei 20 comprimidos de Quetasin, fiquei desacordada, a interna que zelava pela galeria começou a gritar". A Marta tá passando mal, a Marta vai morrer!" Sobem guardas, sobem funcionários, todo mundo tentando me despertar, colocaram éter no meu nariz, aplicaram soro nas minhas veias. Aí melhorei, o diretor me transferiu quando soube que eu tinha sido negada pelo Conselho Penitenciário. Mais maluca, mais desesperada fiquei. Fui pra outra penitenciária, cujo nome não me lembro, fiquei poucos dias, a diretora de lá não queria ficar responsável por mim. O diretor de Bangu falou pra ela "olha, esta moça não tem condições de ficar comigo porque está acontecendo um problema com ela." A diretora falou: "só vou ficar com ela por poucos dias e o senhor procure ver aonde esta moça possa ficar, nós não temos segurança pra estas internas que respondem por assaltos de bancos, é Lei de Segurança Nacional". Pouco depois fui enviada pra psiquiatria da penitenciária Lemos de Brito ou Milton Dias Moreira, não me lembro bem.

"As loucas rasgavam a gente e a roupa de cama"

REPORTER — É o chamado Pinel das encarceradas, né?

Marta — É passei lá três meses, eles me botaram com as loucas, eu fiquei quase igual a elas. Alí é um alojamento enorme, com banheiro, uma mesa grande e um banco. Não pode ter garfo, não pode ter colher, nem copo de vidro. Vivi no meio daquela loucura, as loucas vinham, rasgavam a gente, queimavam a roupa de cama, rasgavam os lençóis, machucava a outra, a pessoa tava dormindo no chão e uma delas aparecia e agredia a dorminhoca, um horror. Todo dia eu pedia ao dr. Aluisio, um médico muito bom, um homem padrão, um cara maravilhoso, pra que me tirasse diariamente daquele alojamento. Pelo menos eu ficava meia hora aliviada longe das loucas. Eu pedia também pro Dr. Aluisio aumentar a dose de remédios pra elas ficarem mais calmas. Lá também se encontrava outra assaltante de bancos, a Maria Inês. Eu e ela eramos as únicas normais, o restante era pura loucura. Aí consegui

me comunicar com o advogado de cartório da Auditoria, expliquei a minha situação, falei que preferia morrer do que continuar neste hospício. Ele soube que eu já tinha tomado 20 comprimidos e aí conversou com o Juiz sobre a minha vida carcerária e talvez o juiz sensibilizado com tudo que tava me acontecendo, resolveu me perdoar concedendo-me a liberdade condicional. Ganhei a liberdade em 1976, saí com 23 anos.

REPORTER — Você acha que cadeia regenera ou não?

Marta — Olha, não sei. Acho que não regenera, sabe. As pessoas que tem um pouco de sentimento, que tem um pouco de consciência da vida, elas não voltam a praticar mais, porque é muito difícil aceitar a regra lá de dentro, as exigências. Mas uma pessoa que não tem amparo, que não tem conhecimento de nada, que não sabe fazer nada, ela volta lá pra dentro, é onde ela tem ambiente, aceita as condições das guardas, cumpre a pena tirando de letra. Mas são pessoas já relapsas, reincidentes, acostumadas a ir e voltar, acostumadas a só escutarem estupidez.

REPORTER — Você que puxou quatro anos, como deveria ser a cadeia de mulheres?

Marta — Olha, eu não sei não sabe? Só mesmo uma pessoa superior, bem entendida no assunto pra oferecer uma boa condição de vida pro preso. Eu acho este problema de visitas muito sério, muita gente é barrada nas portas das prisões. Isto não devia acontecer. A presa precisa dum cigarro, dum roupa íntima, de uma pasta de dentes, de um sabonete, entende? Então neste sentido, eles deveriam voltar as visitas. Acho que quem quizesse namorar uma pessoa, manter uma relação sexual, eles deveriam dar condições pra isto.

REPORTER — Você já pensou em assaltar novamente?

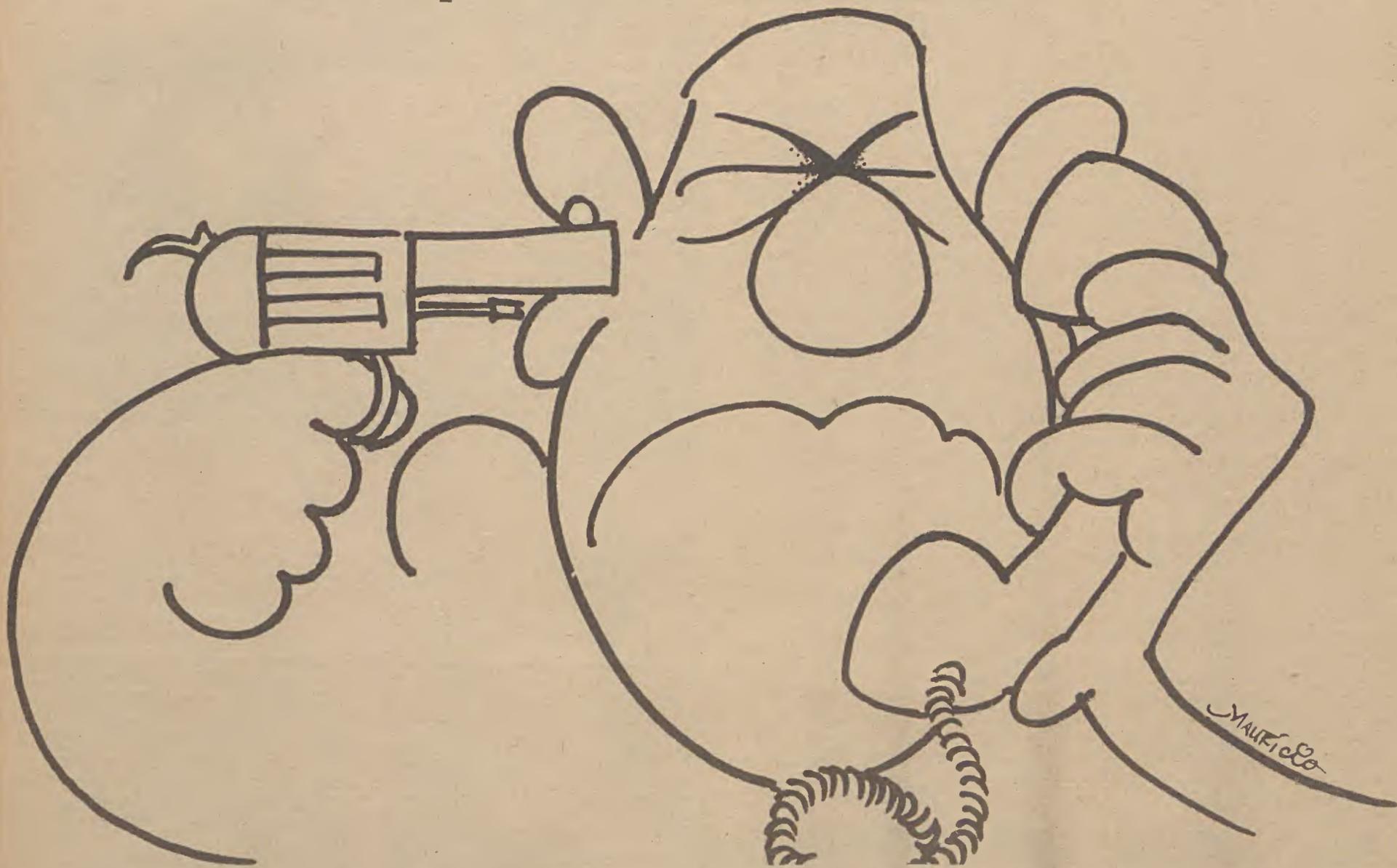
Marta — Não, isto não, nunca mais terei esta coragem. Olha, eu tô fazendo tudo pra não voltar, tudo, entende? Também sofro com as minhas psicoses, tenho medo das pessoas e de ficar trancada num lugar qualquer. Também sinto medo de perseguições, de conversar com algum estranho, acho que todo mundo tá querendo me agredir, me reprimir ou fazer outra bobagem. As vezes suporto ficar trancada na minha casa, e às vezes não suporto a idéia da solidão.

REPORTER — Você continua apolítica?

Marta — Eu não torço pra política, não sou um lado nem outro. Não torço pra nada, sou completamente neutra...

TRIM, BLIP, CRAQUE, TOIM, CLIC, POIM, POIM...

Um avião? um desastre? Não, é o seu telefone



Siga a trilha da nossa repórter. Ela checou, por telefone, o funcionamento dos aparelhos. Ligou para assinantes, diretores da Telerj a maior companhia telefônica do Rio, vendedores de telefones, polícia, pronto-socorro, bombeiros e chegou até a visitar o prédio onde os 140 telefones ficaram mudos por dois meses inteiros

A repórter Martha Baptista abriu o catálogo de telefones do Rio no sobrenome Carvalho e ligou para vários assinantes. Os entrevistados responderam cinco perguntas básicas: Seu telefone funciona regularmente? Ele fica mudo quando chove? Suas contas mensais são corretas? Você já reclamou à Telerj de mau funcionamento ou de acréscimos inexplicáveis em sua conta? Acha que vale a pena ter telefone em casa?

As reações das pessoas no outro lado da linha e suas respostas foram estas:

Elisabeth S.L. (assinante): 256-0032 Copacabana
Entrevistado: Júlio César Costa
— Meu telefone funciona, mas tenho minhas desconfianças de que

seja regularmente. Não posso dizer que ele tem um bom desempenho porque nem sempre a ligação é completada. Ultimamente ele não tem ficado mudo, mas sempre fica mais complicado para ligar para bairros como Tijuca, e centro, quando chove.

— Não tenho como conferir minhas contas. Sou empresário, faço muitos interurbanos. Vêm sempre muito altas, mas acredito que venham corretas. Como todo carioca, já liguei uma porção de vezes pra Telerj pra reclamar do mau funcionamento do aparelho... Tantas que já deu até para eu perder a conta. Mas acho que vale a pena ter telefone em casa, principalmente no meu caso, em que o telefone é comercial.

Elma: 224-2298 — Centro
Entrevistado: Simão
— Este telefone é comercial, não

tenho problemas com ele, mas o da minha casa em Copacabana fica sempre mudo por algumas horas ou por uma noite inteira quando chove, e depois volta a funcionar. Eu nem ligo pra Telerj porque não adianta e eu já conheço o defeito: ele me pega sempre nas horas certas, à noite, quando não preciso do aparelho.

— Quanto às contas altas, nem adianta reclamar porque eles sempre respondem que as chamadas foram computadas. Antigamente, quando não existia computador, valia a pena reclamar, éramos atendidos.

Gilberto C.: 266-7398 — Botafogo
Entrevistada: Leonora Carvalho

— Meu telefone funciona bem quando quer. (Ri). Ele não costuma ficar muito tempo mudo, mas às vezes fico meses sem conseguir ligar para certas estações, como 225 e 205.

— De vez em quando dá pra duvidar das contas que chegam com interurbanos errados. Já reclamei diversas vezes e numa delas meu marido conseguiu provar que já tínhamos pago umas ligações que minha irmã tinha feito dos Estados Unidos e que foram cobradas outras vezes.

Getúlio P.: 286-5359 — Botafogo
Entrevistada: Maria da Penha Carvalho

— Ah, já faz muito tempo que este telefone não anda católico. É muito difícil ele ficar mudo, mas às vezes as pessoas ligam pra cá e dizem que o telefone chama, chama e ninguém atende (e a gente estava em casa e não escutou nada). De 15 em 15 dias a gente telefona pra Telerj pra reclamar. Ai eles fazem uns testes e o telefone melhora.

Geraldo: 285-1011 — Flamengo

Entrevistada: Lúcia Carvalho

— Nosso telefone enguiça um pouquinho. Às vezes ele fica completamente mudo e isso não acontece só quando chove. A gente enche o saco do pessoal da Telerj e damos a desculpa de que aqui é casa; de médico. E é mesmo, mas a gente diz isso pra ver se eles consertam mais rápido.

Geovanina S.: 235-6724 — Copacabana

Entrevistada: a própria.

— Bem, meu telefone não funciona regularmente. De vez em quando ele fica mudo e não é só chuva, ele emudece com o sol também. Hoje é terça-feira? Sexta-feira ele estava mudo. Os funcionários da Telerj dizem que o defeito é no fio (espiralado), que pode esticar até 2 metros, e só este ano já trocaram o fio três vezes. Cada fio custa Cr\$174 e pago ainda Cr\$ 2 de taxa. Estou com as 3 notas em cima da mesa e na próxima vez que vierem me dizer que o problema é no fio, telefono pra polícia.

Geny A.B.: 284-4009 — São Cristóvão

Entrevistada: a própria

— Meu telefone funciona bem e, por enquanto, ainda não aconteceu de ficar mudo por causa de chuva. Houve um tempo em que chegaram umas contas muito altas, mas agora estão normais. Nunca reclamei para a Telerj.

Geni Maria de Carvalho: 245-5180

— Laranjeiras

Entrevistada: a própria

— Agora meu telefone está bom. Antes do carnaval ele estragou, depois voltou a funcionar, ficou mudo de novo e em abril ficou 28 dias parado. Eu não sei qual é a causa. Quem ligava pra cá dizia que ouvia o telefone tocar, mas aqui em casa não se escutava nada. Durante esse tempo, pedi pra duas amigas e pro meu irmão telefonarem pra companhia reclamando e eles me disseram que telefonaram. Eu mesma não telefonei.

Francisco O.: 227-4066 — Ipanema

Entrevistado: o próprio

— De vez em quando meu aparelho enguiça, mas é só quando estão mexendo no cabo. Minhas contas são corretas e nunca cheguei a ligar pra Telerj reclamando de alguma coisa.

“Floripes”: 258-4370 — Tijuca

Entrevistado: o proprietário

— Meu telefone funciona regularmente e não fica mudo por causa de chuva. Minhas contas vêm corretas. Aqui falamos muito no telefone e por isto as contas são procedentes.

Flávio O.: 248-7576 — Tijuca

(Uma mulher atendeu, disse “alô” e depois não conseguiu mais me escutar e ficou repetindo “alô, alô”)

Flávio L.: 248-0124 — Tijuca

Entrevistada: uma mulher que não se identificou

— Este telefone funciona mais ou menos. Como tudo na vida, ele estraga, fica bom. Quanto às contas, nem tomo conhecimento disso. Já telefonei algumas vezes pra Telerj pra reclamar e sempre fui bem atendida. Se eu acho que vale a pena ter telefone em casa? Ó minha filha, você está brincando comigo? Você sabe que o telefone é tudo numa casa de família. É o mesmo que eu te perguntar se vale a pena você ter mãe. (E desligou o telefone na minha cara).

Elisabete F.: 284-0775 — Maracanã

Entrevistada: a própria

— Meu telefone não funciona regularmente. Todo mundo deve responder a mesma coisa, não? (Ri) Quando chove, principalmente, ele fica logo mudo. Com qualquer chuvinha — menos garoa, é claro. Normalmente as contas vêm certas — Já telefonei pra Telerj muitas vezes por causa de defeito. Ficamos dois meses sem telefone, de fevereiro a final de abril. Eles disseram que era pra troca de cabo.

Elias G.: 274-6588 — Gávea

Entrevistada: uma mulher não identificada

— Minha casa é na Gávea e com qualquer chuva o telefone fica mudo. Depois da última chuva ele está falando excepcionalmente. É raro eu telefonar pra Telerj pra reclamar.

Eleonora B.: 258-9592 — Grajaú

Entrevistada: a própria

— Não, meu telefone não funciona bem, ele está com defeito. A senhora não está notando a linha cruzada? Eu não consigo ligar pra fora, só recebo. Já reclamei pra Telerj mas não adianta. Só telefonei pra eles uma vez, não gosto de insistir.

Élcio A.: 268-3123 — Grajaú

Entrevistada: Enéa Carvalho

— Ah, foi até bom você telefonar. Minha empregada acabou de me mostrar a conta deste mês: Cr\$440. Eu normalmente pago Cr\$176, Cr\$ 156... Se tivesse vindo um aumento pequeno, uns Cr\$50 a mais... mas o dobro! Amanhã já sei que vou perder meu dia, mas vou lá na Telerj reclamar.

Edward (vva): 228-8574 — Tijuca

Entrevistado: a própria viúva.

— Meu telefone funciona mais ou menos. Um dia fala, outro dia não fala e ninguém sabe o porquê. Reclamo todas as vezes pra Telerj mas não adianta nada. Na hora deles cobrarem, vem tudo certinho, o computador sempre acerta. O aparelho fica 20 dias, 30 dias sem funcionar, mas eles cobram. Pode botar isso no jornal.

Ercília C.: 264-9838 — Tijuca

Entrevistada: uma criança

— Alô?... Espera um pouquinho... Alô? Funciona, só que às vezes chama, chama e ninguém atende e quanto atende, desliga igual eu vou fazer agora. (E desligou)

Edgar P.P.: 225-1954 — Flamengo

Entrevistada: uma mulher que não se identificou

— Meu telefone é de lua: às vezes funciona, outras não. Meu número tem verdadeira alergia por números da Cetel (a segunda companhia telefônica do Estado do Rio) e de São Conrado. É o caos! O que cai de engano aqui... e enquanto isso, as pessoas estão pagando. Eu não reclamo pra Telerj porque quando chove meu telefone costuma ficar mudo e depois volta a funcionar sozinho. Por isto só fico esperando. Não adianta reclamar.

ALÔ, ALÔ, EMERGÊNCIA1.....1

Na lista de telefones de emergência do catálogo, todos os números foram testados. Onde não há nome do entrevistado, normas internas proibem entrevistas e por isto as pessoas não se identificaram.

Salvamar (Marinha) — 253-2233

Entrevistado: Aylton

— Aqui, felizmente, o telefone funciona bem. Só quando chove muito é que ele enguiça. Mas isso é em todo lugar.

Corpo de Bombeiros: Quartel Central, na praça da Bandeira — 232-1234

Entrevistado: o bombeiro Gérson e o rádio telegrafista Silva

— Positivo! O telefone aqui sempre funciona bem. Às vezes ele deixa de funcionar por questão de minutos. Mas aqui é tudo normal.

— É muito relativo. A única diferença aqui é que se um dos telefones deixa de funcionar, a ligação cai automaticamente no outro.

Mas ele chega a ficar mudo?

— Ah! Isso acontece. Em razão do mau tempo. Mas não fica mudo muito tempo porque eles dão prioridade para consertar. Inclusive, nós estamos com o telefone do Posto de Santa Tereza mudo há dois dias. O contato com eles só pode ser feito por rádio.”

Rádio-Patrolha (Socorro Urgente) — 221-0202

— Na Telerj nós não podemos confiar, certo? Ocorrem problemas com o telefone, é claro! Se o problema for interno, nossos técnicos podem consertar, mas se o problema é de fora (na rede externa), a Telerj arca com a responsabilidade. E, normalmente, o atendimento é rapidinho. Ocorre do telefone ficar mudo. Temos seis troncos ocupando um telefone e se um deles fica com defeito, é claro que dificulta. Mas desde que estou aqui, há mais ou menos dois anos, nunca aconteceu dos seis troncos ficarem mudos ao mesmo tempo.

Hospital Getúlio Vargas — 230-2121

— Alô? Espera um pouquinho que estou atendendo dois telefones ao mesmo tempo. Ué! Você está falando ao mesmo tempo nos dois telefones! Bem que eu estava achando a voz parecida. Olhe, eu não vou dizer a senhora se este telefone funciona bem, pois a mesa antiga trocou na semana passada. Esses daqui, que dão socorro, funcionam bem. Se eles dão defeito, temos que telefonar para a Telefônica e eles consertam logo. O outro telefone (270-7772) serve a todos os ramais do hospital e se a senhora quiser saber, ligue.

Hospital Miguel Couto — 274-2121

— Eu acho que esse telefone dá defeito todo dia. Olha, minha filha, você vem aqui falar pessoalmente com o chefe da seção. Pelo telefone nós não damos informação.

Pinel (Pronto-socorro psiquiátrico) — 226-8891

— Este telefone funciona como todo telefone do Rio. Por telefone fica muito ruço pra falar. A gente realmente não sabe com quem está falando.

INPS: Ramos (Subúrbio) — 230-5300

Entrevistado: Paulo, operador de radiofonia.

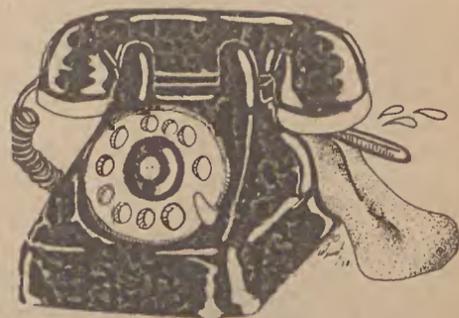
— Este telefone funciona bem. Mas o outro (230-0849) quase toda semana dá defeito, não dá sinal nem recebe de fora. Quando reclamamos, eles vêm rápido e consertam, mas passa uns tempos e o defeito volta.

INPS: Praça da Bandeira — 254-1676

Entrevistado: Floriano, operador de rádio-telefone.

— Ele costuma funcionar bem quando não está enguiçado. Enguiça geralmente quando chove. Tem vezes que o telefone fica mudo. A Companhia tenta consertar rápido, mas às vezes fica uns dois dias sem telefone. Aí fica funcionando só o serviço de rádio.

Diretor da Telerj acha curioso seu aparelho não enguiçar



Agora a repórter procura saber como estão os telefones particulares de dois diretores da Telerj. Liga para a casa de cada um e fala com quem está.

Casa do coronel Paulo Alves Lourenço Ramos, diretor de operações da Telerj. Sua tia Maria foi quem atendeu ao telefone:

— Ele (o coronel) não está, trabalha sábado, feriado. A Telerj não dá folga. Mas este telefone funciona como todos os outros: um dia está bom, no outro não está...é da Cetel. E tem a chuva. Qualquer dia melhora, estão tentando melhorar.

A senhora acha que vale a pena ter telefone, apesar dos problemas?

— Ah, minha filha, o que não tem problema no Brasil? É problema de médico, de polícia, de lei. É que agora a turma resolveu botar a Telerj na berlinda. Existem 800 mil telefones na cidade. O que não funciona é muito pouco em relação a este número.

Tem tanto rapto, assalto por aí.

Falta de operário, falta de empregada, falta de cebola... a gente está vivendo uma crise geral. É reclamar para quem? A gente vai num hospital, não há médico, cliente morre, o médico não atende se não paga. De fato, há muito telefone mudo, mas estão tentando melhorar. Nós, cariocas, temos que ter muita calma. Se não tiver calma, não dá pra viver. Vamos dar um crédito de confiança... a sorte é que existe esperança.

Na casa do diretor econômico-financeiro da Telerj, Joaquim Fernandes Guimarães Pinheiro, a empregada Eunice atendeu:

— Às vezes o telefone fica mudo, ou quando está falando cai a ligação. E custa a dar linha aqui (Ipanema). Agora ele tem andado bem. A gente reclama pra Telerj de vez em quando. Ele só fica mudo quando estragam os outros da rua.

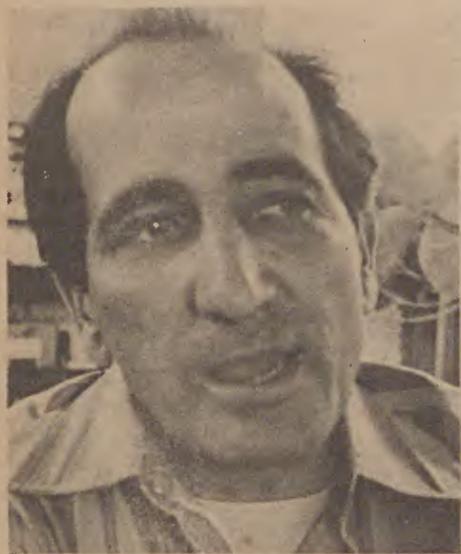
(Neste momento, Joaquim Pinheiro chega em casa e passa a falar comigo.)

— Este telefone funciona bem. Houve um tempo, há cerca de 2 meses, em que ele costumava ficar mudo. Agora está bastante bom.

Suas contas chegam sempre certas?

— Especialmente comigo nunca houve exagero. Sou muito suspeito para falar porque sou da Telerj. Outro dia mesmo eu estava conversando com uma moça da diretoria e nós estávamos estranhando o fato disso nunca ter acontecido conosco.

Prédio ficou 2 meses isolado de todo mundo



Edgar, do borracheiro.



Leda, a mulher do técnico

Estamos no elegante bairro de Laranjeiras, no Rio, em frente ao edifício Alpino, na principal rua do lugar. Os moradores deste prédio, o de número 430, têm uma história interessante para contar sobre súbito mal que emudeceu todos os telefones dos 114 apartamentos — alguns, mais chiques, têm dois aparelhos. Uma história desesperada porém com final feliz. Vamos a ela:

Os telefones começaram a ficar mudos aos poucos, a partir do dia 5 de abril passado. O que a princípio parecia defeito passageiro transformou-se em pesadelo coletivo. Quando todos os telefones pifaram, os moradores e comerciantes do térreo partiram para a ação: fizeram uma vaquinha na base de dez cruzeiros cada um, compraram pano branco e tinta preta e estenderam uma faixa na porta do Alpino: "Estamos sem telefone há dois meses". Isso foi no dia 24 de maio. Menos de 48 horas depois, quando os jornais diários divulgavam o protesto pacífico, os aparelhos começaram a falar. Uma vitória que para alguns custou muito caro.

— Não tinha complicação nenhuma. Se de um dia para o outro tantos telefones voltaram a funcionar, a gente chega à conclusão de que é molecagem mesmo.

Edgar Costa Maia, autor da declaração acima, é proprietário de um borracheiro e uma loja de acessórios para automóveis. Seus dois telefones emudeceram ao mesmo tempo, no dia 16 de abril, o que acarretou um prejuízo verdadeiramente incalculável, já que é impossível ele saber quantos fregueses o procuraram por telefone durante todo esse tempo.

Os comerciantes do prédio, mais prejudicados do que moradores, foram os mais veementes nos protestos. Mas o que perdeu mais com o silêncio do telefone foi o morador do

1403, Péricles Modolo, técnico autônomo de tevê. O telefone, contato imediato com a freguesia, emudeceu justamente no começo da Copa do Mundo, quando ninguém admite defeito na tevê.

Já escrevemos uma carta pro diretor da Telerj — diz Leda, mulher de Péricles — e falou do prejuízo que a falta do telefone estava nos trazendo. Depois, mandamos um telegrama pra ele, mas não tivemos nem resposta nem telefone funcionando.

Tanto a carta quanto o telegrama foram enviados quase um mês depois de o telefone ficar mudo. E até quase um mês depois deste dia, não havia chegado resposta. Quase todos os moradores reclamaram mas nunca obtiveram palavra da Telerj. O dono da Tinturaria Fless, numa das lojas do térreo, conta em duas frases como estava a situação com o silêncio prolongado dos 140 telefones do prédio:

— Aqui ninguém mais se cumprimentava de manhã. A primeira coisa que todo mundo perguntava era se já tinha telefone.

E os moradores e comerciantes do edifício Alpino tiveram, nessa época, uma surpresa para somar ao descontentamento geral: as contas chegaram, apesar dos pesares. É bem verdade que durante poucos dias os telefones funcionaram, mas a maior parte dos moradores do prédio acusou impulsos excedentes (ligações inexistentes) em suas contas. O Edgar Costa Maia dono da borracharia, por exemplo, constatou 64 chamadas que ele não fez. Sônia, do apartamento 2003, descobriu 107 impulsos a mais na sua conta. Pagou mas reclamou:

— A mocinha — diz ela — alegou linha cruzada. Aqui é área do Metrô e eles não tomam providência porque têm uma desculpa.

O NEGÓCIO VAI DE VENTO EM POPA

221-3919 (entrevistado: Barbosa)
Alô? Eu estava interessada em vender meu telefone.

— Ah, pois não. Por quanto a senhora queria vender?

Bom, eu não sei. Estou meio por fora. O senhor não podia me dar um preço?

— A senhora é que é a vendedora e a senhora que sabe por quanto é que deve vender.

Bom, digamos Cr\$ 20 mil.

— Um momentinho, deixa eu consultar aqui... É, a senhora está por fora mesmo. O preço é Cr\$ 29 mil. Era Cr\$ 28 mil antes do feriado.

Mas muda de preço assim?

— Muda. Era 25, depois passou para 26, 27, 28 e agora está por 29.

Ah, então se eu deixar para amanhã vendo por 30?

— Também não é assim. Além do mais, essa estação não é muito procurada. Tem mais duas linhas no

Apesar de proibido, o comércio de aparelhos de telefone no Rio é até anunciado nos jornais, na parte de classificados. Aqui, a repórter fingiu ser vendedora de alguns tipos de telefones. E procurou, por telefone, compradores que publicam anúncios.

Flamengo que são mais procuradas. Dizem que o 225 é o melhor. A senhora mora em que rua? Qual é o seu nome? É senhora ou senhorita? Qualquer coisa, a senhorita tem o nosso endereço completo, né?

201-7124 (entrevistado: sr. Orlando)

Bom dia. Eu estava interessada em vender meu telefone. O problema é que eu estou com uma certa pressa, porque estou de viagem. Se nós chegássemos a um acordo logo, dava para resolver tudo hoje?

— Dá para resolver tudo às 2 horas. Você tem que levar identidade, CPF e a última conta paga. Temos que ir no

Posto da Senador Vergueiro. É coisa de uns 30 minutos."

Bom, eu estava querendo uns Cr\$ 32 mil.

— Só pago Cr\$ 29.

Digamos, uns Cr\$ 30?

— Não. Pago 29 mil.

280-0404 (entrevistado: Evaristo)

Eu estou interessada em vender um telefone, mas o problema é que ele está desligado há uns dois meses.

— Por falta de pagamento de carnê ou da conta?

Eu parei de pagar o carnê.

— Quantas prestações a senhora deixou de pagar? De quanto era a prestação?

Ah, tem uns quatro meses.

— Então, você tem que ir urgente à avenida Rio Branco, 156, 4º andar, no Edifício Central, para saber se já não está cancelado.

Mas vai urgente, senão está arriscado a senhora perder tudo. Se não estiver cancelado, nós compramos; se estiver, fica mais difícil. Pagamos uns Cr\$ 26 mil. Todo débito que a senhora tiver com a Companhia, a gente desconta do preço.

236-6677 (entrevistado: Medeiros)

— Qual é a linha que a senhora quer vender?

É 399, em São Conrado (a mais valorizada do Rio).

— A senhora quer fazer isso quando? Hoje não dá mais porque a Cetel fecha cedo. Se a senhora puder esperar até segunda-feira.

Marcamos um encontro na Avenida Rio Branco, 37, 3º andar. Pago Cr\$5 mil à vista, na hora e em dinheiro.



CASO ARQUIVADO!



As estudantes atingidas pelo gás, que se parece com um produto químico proibido em quase todo o mundo, já fizeram várias operações e até hoje fazem enxertos para tentar recompor os tecidos destruídos.

FUMAÇA COLORIDA ARRANCOU A PELE DAS MOÇAS

O fato aconteceu no dia 22 de setembro passado e teve como palco as dependências da PUC paulista, quando os estudantes tentavam realizar o III Encontro Nacional de Estudantes (III ENE). O ato público estava programado para às 20 horas, em frente às escadarias do Teatro Universitário (TUCA) e tinha por objetivo protestar contra as prisões ocorridas na véspera e contra a tentativa (por parte das forças policiais) de reprimir a realização do Encontro.

Mais tarde, em depoimento prestado à Comissão da Assembléia Legislativa que investigou os acontecimentos, um estudante declarou: "O primeiro sinal da polícia foi com o fechamento da esquina das ruas Monte Alegre com João Ramalho por camburões. Foi quando se desencadeou a invasão, de baixo de uma chuva de bombas, de gritos e cassetadas dos policiais. As bombas, que expeliam fumaças de cores variadas — laranja, branca, preta, etc. — faziam-nos chorar e o nosso corpo arder, impedindo qualquer reação que não fosse o sofrimento da dor."

Consideradas pelo Coronel Erasmo Dias, na época Secretário de Segurança de São Paulo, como "bombas de

efeito moral" ou mesmo como "um produto inofensivo destinado a fazer barulho e dispersar multidões", o gás lacrimogênio em spray é um velho conhecido das forças de segurança dos Estados Unidos. Ele foi utilizado em 1971 para dispersar uma manifestação de trabalhadores em San Diego, Califórnia e, logo depois, devido à gravidade das lesões causadas nas vítimas, teve o seu uso proibido nos Estados Unidos e Europa. Embora não se tenha provas conclusivas sobre o material utilizado na invasão da PUC, sabe-se que no começo de 1976 o Exército brasileiro comprou 1.326 invólucros (canisters) do produto **Chemical Mace**, com o qual são fabricados as bombas, pela Smith and Wesson, indústria de material bélico. Os testes realizados com o **Chemical Mace** concluíram que: o produto irrita os olhos e a pele; provoca opacidade ou arranhadura na superfície da córnea, causa prejuízo à traquéia bem como lesões na pele.

Os distúrbios de setembro, na PUC, deixaram como vítimas das "bombas de efeito moral", as estudantes Iria Vizione, Maria Cristina Raduan, Graziela Eugênio Augusto e Virgínia Maria Finzetto. No relatório apu-

rado pela Comissão Pontifícia Justiça e Paz, Maria Cristina, de 22 anos, declarou que durante a confusão, depois de aspirar grande quantidade de gás, ficou desacordada por tempo que ela calcula tenha sido bem longo. Ao acordar percebeu que, sobre a perna da calça, uma bomba preta que

ainda solta faíscas, estava queimando sua roupa. Cristina foi medicada em hospital e mandada de volta para casa. Só depois de 12 dias, como não melhorasse, foi levada de volta ao hospital. Internada para as operações (curativos e enxertos) já sofreu 5 intervenções.

A estudante Iria Vizione foi

Até a TV inglesa protestou

Trecho do telegrama enviado por Tricia e Gerald Sievers, da Anistia Internacional da Inglaterra, em dezembro de 1977, para Thomas Hammarberg, do Comitê da Anistia na Suíça:

"(...) Outras fontes afirmam que as "bombas de efeito moral" são de fato chamadas "litros" e causaram danos severos durante uma manifestação nos Estados Unidos, em 1971. Temos mantido contato com Michael Klare e Samdy Close, nos Estados Unidos, que ainda estão pesquisando o assunto e logo nos darão notícias. Por favor, remeta-

nos uma cópia da análise química das roupas que você mencionou. Um abraço Tricia e Gerald".

A resposta de Thomas Hammarberg:

"Vejo que vocês estão acompanhando o caso das estudantes que sofreram queimaduras (na mini-invasão da PUC) em São Paulo. O que fizeram a respeito? Pede a um especialista em química que analisasse o pedaço de roupa dela e mostrei as fotos a um médico. Enviámos a história para a televisão (BBC) aqui e o programa mostrou que não se tratava de gás lacrimogênio, mas de algo mais sério. Uma das teorias era de que se tratava de fósforo branco ou amarelo". Thomas Hammarberg, Presidente do Comitê Internacional pela Anistia.

igualmente internada no Hospital de Clínicas com queimaduras de 1º, 2º e 3º grau. Ela foi ferida por uma bomba que lhe queimou o joelho e o pé direito. A maior dificuldade que os médicos encontraram para o primeiro atendimento foi o cheiro das suas roupas, que os faziam chorar com as emanções de gases. Ela recebeu vários enxertos e ainda hoje continua sob cuidados médicos. No final, ficou confirmado que do quebra-quebra da PUC resultaram 9 pessoas cegas (incluindo dois policiais) e mais de 20 internadas em diversos hospitais com queimaduras que, segundo o relatório médico, são virtualmente incuráveis.

Nos Estados Unidos, o jornalista Michael Klare, do Los Angeles Times e da Transnational Corporation, está à frente das investigações que estuda a utilização de produtos como o **Chemical Mace** em bombas de efeito repressivo. Além do Brasil, também o Chile e Israel são compradores do produto junto a Smith and Wesson.

A quem interessar possa: a justiça brasileira, depois de confirmar através do Comissão Especial de Inquérito, que a invasão da PUC havia sido premeditada, decidiu arquivar o caso.

Estas cartas foram destinadas ao procurador Hélio Bicudo, escrita por um ex-policia, condenado por pertencer ao Esquadrão da Morte e expulso da polícia pelo AI-5. Seu nome não pode ser publicado, a pedido do próprio Bicudo. Nas cartas, o pedido patético para que se consiga sua transferência da prisão onde está atualmente, pois acha que pode ser assassinado. Como também pode morrer se resolver abrir a boca, o que gostaria de fazer.

Policia preso renega Esquadrão e confessa crime

São Paulo, 10-3-1977
Dr. Hélio:

Muito comoveu-me ao receber a resposta de minha carta quando o sr. diz que fará por mim aquilo que estiver em seu alcance. Isso faz renascer novas esperanças em mim que a justiça será feita. Eu como é de seu conhecimento fiquei marcado tanto na justiça como na Secretaria de Segurança Pública.

Na justiça por várias razões fui obrigado a declarar de acordo com as acusações que vinham de marginais e não tinham fundamento, quanto à minha pessoa, porém jamais deram-me oportunidade de conversar a sós com qualquer membro da comissão na época que apuravam as execuções de marginais, pois se isso tivesse acontecido, eu hoje não estaria aqui, e sim os verdadeiros culpados, que muitos nem sequer foram indiciados em inquéritos outros hoje são heróis nacional. Eu hoje sei muito mais e tenho aprendido através do sofrimento durante estes sete anos, de presídio para presídio. Fugi do presídio Militar mas trinta dias depois apresentei-me ao Dr. Nelson que enviou-me direto a Penitenciária, depois fui para o DEIC e em seguida para o DOPS de onde não fugi. Mandaram-me ir embora e eu com falta de experiência pensando que estavam fazendo-me bem, aceitei. Mal sabia que era um plano que eu servir de bode expiatório de toda polícia, pois o meu silêncio era a maior glória a muitos.

Hoje tenho que contentar-me com as migalhas que oferecem, pois sou e sempre fui pobre e nem dinheiro para pagar advogado eu tive, e os que defendem-me são advogados indicados e orientados pelo "sr. todo poderoso" Fleury, que só fazem o que ele acredita que não vá prejudicá-lo no futuro.

Dr. Hélio, o Dr. Percides sabe as condições que encontro-me são 22 horas trancado diariamente sem direito a nada, exceção a visitas. Tenho feito de tudo para ir para o presídio da polícia civil, onde ali tem vários ex-policiais, e até elementos que jamais foram policiais. Mas perdi, como perdi o pedido que fiz para ir para Detenção.

Dr. Hélio, venho humildemente suplicar ao sr, pois sei que mesmo afastado pela "Ditadura", o sr. poderá conseguir minha remoção para o presídio da polícia civil, onde não o decepcionarei, não pretendo fugir jamais. E poderei ainda ser útil a Justiça,

sabedor do regime militar que vivemos, e não poderei declarar abertamente, mas tudo o que sei poderei orientar os promotores de sua confiança quando nos julgamentos desses elementos, inclusive no caso Guarulhos, pois estão fazendo planos para absolver o principal elemento.

Dr. Hélio, só espero que algum dia eu possa provar ao sr que eu não sou igual aos demais. Sinto estar-mos vivendo num regime de Ditadura, onde a qualquer momento poderemos ser eliminados, caso contrário eu provaria em público. Mas tenho que ter prudência, pois tenho mulher e três filhos.

Dr. Hélio, tenha em mim um amigo, pois sei que jamais terá a mínima decepção comigo.
Penitenciária, 24.3.1977

Saudações:

Dr. Hélio, tenho procurado através de advogados ver as possibilidades de ir para um outro presídio, onde teria melhores condições de cumprir minha pena, e estar mais próximo da família e dar um pouco de apoio as crianças, pois são três meninas.

Também levei ao conhecimento do sr. diretor penal Dr. Etienne, que muito tem ajudado-me moralmente pois o excesso de confinamento, um ser humano tem um certo limite e eu já estava a beira de dar um fim na minha vida, pois estava até sob cuidados de um psiquiatra.

Mas sou católico e creio muito em Deus, mais cedo ou mais tarde os verdadeiros criminosos terão que acertar suas contas com a Justiça, passe o tempo que passar. Cumprirei a minha pena e quando em liberdade quero escrever toda verdade, irei para um país distante, onde poderei em segurança, dizer toda a verdade.

Não quero com isso dizer que estou inocente na cadeia, não! Eu involuntariamente tirei a vida daquele infeliz do barbeiro com uma caniveta na bunda. Poderia nos outros processos apontar os verdadeiros culpados, seria absolvido, mas não viveria para gozar da liberdade, pois seria assassinado.

Sem mais aguardarei sua amável resposta.

São Paulo, 28.4.77

Saudações:

Dr. Hélio, mais uma vez venho solicitar do sr. isto na medida do possível, no tocante a minha transferência para o presídio da polícia civil. Tenho lutado juridicamente para ser transferido daqui. Aqui o elemento que não está de castigo goza de todos os privilégios estabelecidos por lei para a possível

Penitenciária - 27.3.1977

Saudações

Dr. Hélio venho humildemente uma vez mais agradecer ao sr pelo interesse que vem fazendo - tanto em procurar ajudar-me, para amenizar este sofrimento que não afregio só a mim, mas muito mais a minha família, pois hoje, das três filhas que tenho cada uma, encontra-se em casos diferentes por necessidade financeira, o único que até hoje, quando procurei e falei, da minha vida, e das injustiças que há muito venho sofrendo, e esse sr, homem humano, que nem eu mesmo ter a oferecer prontificou-se a ajudar naquilo que estresse em seu ofício. O professor Percides, que por seu intermédio consegui, apesar de finalmente ter um contato com o sr.

Tenho procurado através de advogados, ver as possibilidades de ir para um outro presídio, onde teria melhores condições de cumprir minha pena, e estar mais próximo da família e dar um pouco de apoio as crianças, pois são três meninas - Rosângela que está com 16 anos e trabalhando no SENAC, Carqueijo que está com 14 anos trabalhando de rapaz em um super mercado e legendo a 7ª série.

recuperação. Joga voleibol, futebol de salão, jogos de dama, dominó etc. Aos sábados existe competição esportiva, jogo de futebol, ping-pong e no período da tarde sessão cinematográfica, enquanto eu permaneço às 24 horas isolado em uma cela.

Dr. Hélio, quanto ao sr vir aqui eu não temo nada, pois já tomei uma decisão, e nada importa-me o qual poderá falar ou suspeitar. E tão pouco tenho medo de ser assassinado aqui, mesmo sabendo que isso é o que muitos estão esperando, o que seria um alívio aos que se julgam impune pela justiça.

Aguardo sua resposta, atenciosamente.

São Paulo, 12.5.77

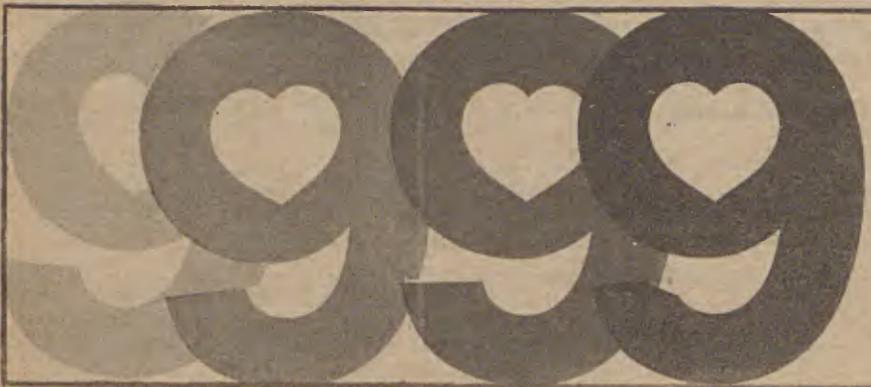
Dr. Hélio.

Quero através desta agradecer-lhe pela atenção e cavalherismo quando minha mulher esteve em seu escritório. Pois ela ficou surpreendida e foi taxativa ao dizer que de todas as pessoas que procuramos para ajudar a resolver este problema da minha transferência, o sr foi o único a prontificar a fazer aquilo que estivesse em seu alcance.

Mas existe outro assunto que acredito será de suma importância eu não posso por carta dizer. Espero que o sr encontre uma solução para eu expor, seria eu ser requisitado para uma Vara qualquer e ali falar com o sr ou a vinda do sr aqui com o Dr. Percides, em um sábado. Dr. Hélio, nada tenho contra o Dr. Luiz, que é o atual Diretor Geral, porém não posso deixar de lembrar, é o Delegado de Polícia e está em contato permanente com os elementos da S.S.P. e tudo nesse caso poderá vir acontecer, isto porque é de conhecimento geral o interesse dessa Secretaria que, enquanto eu aqui estou representando todo o E.M. para satisfação da imprensa. Que na verdade nós conhecemos, que a política e a maioria dos elementos ligados à Justiça, justificam com isso a "realidade."

Dr. Hélio qualquer que seja a sua opção naquilo que poderei ajudá-lo, e a mim também e acatarei suas ordens.

Atenciosamente



PASQUIM
EDIÇÃO ESPECIAL
DE ANIVERSÁRIO

DIA 23
NAS BANCAS



NÃO PERCA O NOVÃO!

SÃO TODOS UNS ANORMAIS

A entrevista foi feita com um médico anônimo. Haverá quem duvide se ele realmente existe. Não será mais uma invenção da imprensa para sabotar a opinião pública? O médico acha importante denunciar o perfil do torturador, no qual se vê que é uma pessoa que depois de algum tempo começa a criar problemas dentro do órgão em que atua. Ou matando presos ou se revoltando com os chefes. Diz o médico que seu nome não importa, nem a nacionalidade. Os fatos que revela poderiam ter acontecido em qualquer país da América Latina. Nem acha importante seu nome ou de seus pacientes, acha mais importante mostrar como eles agem e como eles mesmos acabam sendo torturados, ao estimular todo dia uma tendência violenta que já têm..



Como são os torturadores?
— Bem, eles têm uma diminuição de sensibilidade. Sentem menos dor que os outros. Além disso, têm também analgesia moral, ou seja: a personalidade humana tem a afetividade, os seus instintos e sentimentos. Os instintos são individuais, egostas. E os outros são os da sociabilidade, que fazem o indivíduo ter noção do outro. Então esses indivíduos não têm praticamente sociabilidade. Eles não sentem o outro.

Mas o que provoca isso?

— É genético. Não é ambiental.

Os caras não sentem dor?

— Eles têm pouca sensibilidade. Tanto é, que você vê que eles gostam

muito de fazer tatuagens em si mesmos. Você vai se submeter a uma tatuagem, negócio de agulha quente, mete tinta? Você não vai fazer um negócio desses! O tipo de brincadeira que gostam de fazer, sabe? Assim, grosseiras, agredir. São capazes de dizer: "é macho?" "sou, olha aqui" e se cortam, sabe? Coisas dessa ordem.

O cara nasce assim?

— Nasce sim.

Então ele é usado pra esse papel?

— Exatamente! Então por exemplo, diante de um conjunto de indivíduos, os que se revelarem com esta característica são justamente selecionados pra isso. Sem que o cara que seleciona saiba disso. Isso é intuitivo.

**"Ele já nasce
com instinto de
destruição muito
acentuado"**

Inclusive eles acham assim: "não, é um cara quente... dê-dê-dê," sabe? Ele não percebe que o cara justamente é defeituoso, porque ele também é. Então o que acontece é o seguinte: eu peguei caso assim de que eles estimulam, estimulam, estimulam, entendeu? Como um cara, por exem-

plo: só foi retirado do serviço depois que matou cinco caras, um inclusive a queima-roupa, tirou o revólver e deu um tiro na cabeça do cara. Ele era soldado, revelou-se assim. Então engajaram ele. Passou a cabo, ganhava uma graninha, tinha uma casa, tinha comida. Daí ele matou um companheiro, um outro torturador. Discutiram, um matou o outro.

O cara era totalmente desequilibrado?

— Exatamente! E agora acontece o seguinte: ele era um indivíduo com essas características. Porque por exemplo, você não ia se submeter a um papel daqueles! De jeito nenhum! Eu, por exemplo, nunca ia fazer um negócio daquele. Mas o cara já tem

essa disposição. É um cara que o instinto de destruição dele é muito acentuado. Ele não tem a visão do outro. É inclusive esse tipo de patologia o cara pode ser de baixa inteligência ou pode ser de inteligência normal.

Esse de inteligência normal age como?

— Ele manda no torturador. É conivente com ele. Tem o mesmo quadro patológico menos acentuado. E tem outras características: por exemplo, tem necessidade de aprovação. Então ele esconde essa conivência com o torturador. É um tipo intelectualmente normal mas na esfera afetiva tem graves alterações. O cara passa por normal e é completamente louco. Esse é de cúpula, é a cabeça. O torturador mesmo não sabe por que bate. "Porque é comunista, porque é filho da p..." Não é por ideologia que o cara bate, nem por dinheiro. É por alteração da personalidade.

Torturador fica deprimido?

— Não, não dá depressão.

Pode se arrepender do que fez?

— É difícil, mas pode chegar a isso. Mas quando desenvolve muito a religiosidade. Que justamente a religião serve pra dar essa idéia de comunhão.

Você pegou quantos caras desses?

— Peguei uns quatro mais ou menos.

Todos eram parecidos?

— Mais ou menos. A intensidade muda. O cabo, que inclusive enterrou a sogra viva, foi o mais intenso. Mas geralmente começam a bater nos filhos, na mulher... é desse jeito. Qualquer coisinha, o cara agride. Vai estimulando... "pode bater, bate".

"São indivíduos

de porte

atlético e de

crânio pequeno"

O trabalho dele é 24 horas seguidas, não é, depois ele sai de lá...

— Bebe.

— Mas tem família. A família sabe o que ele faz?

— Não. Pra mulher ele não conta diretamente o que faz. Mas ela sabe que ele trabalha com preso político, porque trabalhando lá o cara tinha regalias porque era um serviço secreto.

— E bom salário. Em 73 se ouvia falar que eles ganhavam uns 15 mil por mês.

— Exatamente. A única coisa que exerce influência sobre eles é esse tipo de coisa: estímulo. Porque inclusive se você for ver com que eles vão gastar é justamente os prazeres mais inferiores da humanidade: bebida, farra, torra tudo. É assim... vai entrando no círculo vicioso.

Tinha prazo certo de eles ficarem lá?

— Não ficava sempre o mesmo cara, depois de um tempo mudava. Então o que acontecia foi o seguinte: eles saíam, começaram a ficar nervosos, bater na família, teve um ou outro exemplo, não sabia que em pó causa isso... que tinha tirado assim porque usava... então eles começaram a bater na família. O cara não sabe mais o que...

Qual é o tipo físico do torturador?

— Geralmente são indivíduos de porte atlético. E de crânio pequeno. E se você tiver observação muito aguçada, você vai ver que — isso não tem precisão absoluta — a parte posterior do crânio deles não é arredondada mas reta. É a região onde estão os órgãos da afetividade, os instintos e os sentimentos. Pode acontecer por acidente de parto, traumatismo, pode nascer assim... então tem caso de uma pessoa que tinha vida normal, tudo, ela sofre um acidente e começa a ficar agressiva, isso é relativamente comum.

"Ele tortura e

se sente bem.

O pior é isso.

E sem remorso"

Onde esta hoje aquele cabo?

— Deve estar no Pavilhão Nacional de Psiquiatria, no Rio de Janeiro. Eles mandam pra lá.

E o Mariel?

— Esse é daqueles, tem tudo isso, mas é intelectualmente dotado. Porque são esferas diferentes a afetividade, a conação e a inteligência. O inteligente explica tudo, justifica atitudes, pode ter até ideologia... mas tem esse defeito.

O torturador tem alucinação?

— Geralmente não, porque alterações da alucinação são alterações da percepção, não são alterações da personalidade. São dos núcleos da base do cérebro. E o deles é alteração da personalidade.

Quer dizer que ele tortura e se sente bem?

— Se sente bem. O pior é isso. Ele não tem remorso, nada.

— O torturador não fica muito tempo no órgão por exigência da organização ou por que?

— Porque começa a se tornar inconveniente. Fica muito agressivo, a hierarquia começa a quebrar, porque vai estimulando tanto que se por exemplo um superior tropeçar nele ele fala "ô, pô", porque a reação é imediata. Ele vai se desorientando.

"Acham o máximo

aplicar nas

esferas genitais

a tortura"

Não dá pra treinar alguém pra ser torturador?

— Não dá. Quem não tem distúrbio afetivo não vai se prestar a fazer um negócio desses. Não dá pra criar um torturador, é uma coisa que não cria. É um problema de patologia mental.

O tipo de tortura revela alguma característica do torturador?

— Como é uma regressão da personalidade, existe mais a fixação na esfera sexual. Porque os instrumentos já estão aperfeiçoados, tudo, mas em termos de técnica. Daí entra o cara que pensa. Agora, onde o cara vai aplicar, apesar de já existirem regímenes? Por exemplo, o que eles acharam no mundo é aplicar nas esferas...

Eles têm tendência homossexual?

— Também têm. Porque a ordem dos instintos hierarquicamente é o instinto nutritivo ou chamado instinto de sobrevivência, o segundo é o instinto sexual ou instinto de reprodução, o terceiro é o instinto de posse ou instinto materno — que é a ligação que o indivíduo tem, instintiva, com as coisas que ele cria —, o quarto instinto em força é o instinto de destruição ou demolição. Depois vem o instinto de construção ou organização, depois vêm os instintos da necessidade de aprovação, a necessidade de domínio, depois vem a ligação ao igual, a ligação ao superior e a ligação ao inferior. São todos os órgãos da afetividade. Então, por exemplo, esses eles têm o instinto sexual, o instinto de posse não têm muito, mas sempre existe, por exemplo mexer com filho, essas coisas, e o instinto de destruição. Esses são os que vão predominar.

O torturador de hoje é o mesmo da Idade Média?

— Exatamente. É o mesmo tipo de personalidade. Na França, por exemplo, os carrascos são de pai pra filho. Você já imaginou ter como emprego cortar o pescoço de uma pessoa?

Quanto tempo dura um torturador?

— Dos que eu peguei, chega a dois anos talvez.

"Prefere dar com

a mão. No choque

tem um objeto

intermediário"

Torturador tem medo de represálias?

— Ele não tem medo. Não tem medo de morrer. Ele brinca de roleta russa, a coisa mais estúpida que pode existir.

Ele tem idéia da realidade? Lê jornal?

— Não. Se lê, é jornal sensacionalista, de crime, sangue. Essas notícias é que estimulam.

Torturador prefere usar objeto ou machucar com a mão?

— A preferência é com a mão. É o contato mais direto. Descarga direta. Prefere dar porrada. No choque tem um objeto intermediário.

Eles chegam a violentar presos?

— E corriqueiro, com homens e com mulheres.

Não dá pra dar anistia pra eles?

— Não dá, não adianta. Ele vai deixar de torturar preso político vai torturar outro qualquer. Vai exercer a ação maléfica dele. O cara que manda nele, e é conivente com ele, já é um cara que tem instinto de domínio instinto de aprovação. Porque o torturador não tem instinto de aprovação. Quem é que aprova um torturador? A mulher dele, se souber, não vai aprovar o que o cara faz, os filhos dele não vão aprovar, os vizinhos não vão aprovar. Isso, pra ele, não importa. O outro, como tem isso, ele faz escondido. Preserva a imagem.

Necessidade de aprovação leva a fazer o que?

— Como eles vão ter necessidade de ser aprovados, eles seguram. Em termos de imagem, seguram. Isso no plano mais geral você vai ver o governo começar a tomar atitude porque todo mundo começou a cair em cima. Ou seja, o mundo civilizado começou a desaprová-lo. Não foi porque eles se descontrolaram, mas não podemos fazer

isso", "porque é uma questão de humanidade", não. É porque começaram a pegar no pé. Daí que entra a importância da denúncia. Tanto é que você viu: a ordem depois do Heróiz foi pra não deixar acontecer mais isso. E eles não conseguiram segurar o cara. E matou o Fiel. (Manuel Fiel Filho). Daí você vê a influência da aprovação na esfera superior. Depois que aconteceu, saiu o Ednardo. Porque deixou que acontecesse. E não foi nem por vontade dele. Simplesmente não deu pra segurar o cara. Estimulou, estimulou, estimulou, o cara não vai parar mais.

Por que eles não têm psiquiatras pra orientar torturadores?

— Ah, mas aí que tá. Pra arranjar o tal do Shibata, alguém como ele, não é fácil. Porque de certa forma a atividade médica que é uma coisa pra você aliviar a dor e tudo por mais que o indivíduo seja filho da p... — porque tá cheio de médico filho da p... — é uma coisa de certa forma que contradiz. Eu tive um amigo meu preso lá que é médico e que ele chegou e deu uma dura no médico lá deles: "pô, você é médico como eu, você se prestar a um papel desse". Ele chegou lá, contou pros torturadores, mandou dar uma surra nele, quebraram duas costelas dele.

Fica na lembrança do torturador o que ele faz?

— Fica. Ele sonha. Sonha com as cenas. Sonho nada mais é do que uma diminuição, uma dormência das funções da observação, da inteligência e a imaginação criando imagens dos impulsos afetivos. Então os sonhos dele vão ser ou eróticos ou de violência.

Quando ele bate, sabe em que está batendo?

— Não, não sabe, pra você ver como é uma agressividade gratuita. Porque veja bem: o instinto de destruição, comum em todos, nele é exagerado.

"O que age

mesmo é novo:

menos de 30 anos,

22 por aí"

Qual é o objetivo dele na vida?

— Não consegue sistematizar. É de momento. A vida dele é de estímulos. Não tem, perspectivas. Nem esperança. Nunca pela cabeça dele vai passar: vou ganhar um dinheiro, vou comprar uma casa. Vai gastar em farra, com mulher na zona...

Por que existe torturador? Serve para alguma coisa?

— Não, não tem utilidade nenhuma. É um negócio completamente absurdo.

Por que um regime precisa usar a tortura?

— Porque todo regime que não se sustenta pelo consenso das idéias tem que se sustentar pela corrupção e pela repressão. Eles subornam quem quer ser conivente com o regime. E reprimem o resto.

Qual é a idade média do torturador?

— O que age mesmo geralmente é novo. Menos de 30 anos. Vinte e dois por aí.

E quando ele acaba vai fazer o que?

— Aposenta. Ou vai viver de pensão. Não faz nada.

ENTREVISTA A ALEX SOLNIK



AFINAL

A primeira crítica

Acho este jornal meio sensacionalista (e, portanto, meio comercial), daí não podemos, infelizmente, conferir-lhe total crédito.

Porém, acho-o útil nesta hora. Está revelando fatos que outros, por medo ou por comprometimento de várias ordens, não tiveram, ainda, coragem para denunciar. E até os camufla, esconde da gente.

Não escrevo para criticá-los. Pretendo apenas fazer uma sugestão.

É sobre a reportagem, ou melhor, as fotografias dos mendigos em... "amor feito nas calçadas..."

Conheço alguns desses mendigos. Moravam (?) (moram?) na Ilha do Governador. O Índio é muito conhecido na Praia da Bica. Me chamava de "muchacha". Era tratorista. É muito inteligente, esperto, bom papo. Tinha (tem?) uma negra chamada Tereza. Ele é aleijado, vive doente.

Todos eles são alcóolatas, viciados em drogas. Vivem bêbados, maconhados, completamente loucos. Reparem na cara deles! Não são simples mendigos... São viciados. Ficam fora de si. Vivem completamente à margem de tudo.

Queria que vocês fossem um pouco mais além do "sensacionalismo patético" e esclarecessem este detalhe, que, acho, muda um pouco as coisas. Denunciem este aspecto, do álcool, da maconha. Mostrem no que dá, quando o álcool, a maconha, incidem sobre a miséria e a fraqueza humana. (Tem muita gente aí que pensa que a maconha é totalmente inofensiva...)

Em último lugar, quero protestar veementemente, pelo "amor" feito nas calçadas. Que absurdo!... A que nível chegou a deturpação do termo "amor"! Vamos ter que inventar outra palavra para expressar o sentimento verdadeiro... como vocês da Imprensa são culpados na propagação de certas deformações! PROTESTO!!!!

Não me identifico, pois não me interessa que me conheçam. Faça de conta que sou: **Helena D. Lima, Brasília.**

• *Tudo bem, mas seria mais interessante que você se identificasse. É mais honesto.*

Brasileiro conta motim de presos na Argentina

Aí vai uma denúncia que poderá interessar a vocês. O assunto é a revolta que ocorreu aqui no "Instituto de Detencion Penitenciário de Devoto U2", onde me encontro detido no momento.

Em meados de março deste ano, me recorde de haver lido no *Jornal do Brasil* um pequeno parágrafo sobre o ocorrido. Aqui, inteirei-me do ocorrido, tendo conversado com muitos ainda feridos na revolta.

Antes, porém, uma curta explicação do que é o presídio Devoto U2. É um cárcere com aproximadamente 4.500 internos ou detidos, divididos em plantas e pavilhões. Os internos ficam alojados em grandes pavilhões, que deveriam conter uma base de 80 presos, porém contêm o dobro, com a metade dos detentos dormindo no chão, mal podendo encontrar espaço para caminhar. Condições de higiene e outros essenciais são as piores possíveis. Mas isto é comum neste Terceiro Mundo.

Mais importante seria mencionar que neste presídio estão detidas mulheres, por razão política. Assim como homens, mas estes misturados com criminosos comuns.

Aqui, ao contrário do Brasil, não entra baseado, brizola, nada disso. Mas, ainda bem, as cartas não são censuradas.

Mas vamos ao assunto principal.

Em meados de março deste ano, uma revolta ocorreu no Pavilhão 7 (com aproximadamente 140 detidos) deste presídio. Motivo da revolta: excesso de repressão. Especificando. Enquanto os detidos assistiam a um programa de televisão, que, normalmente, fica ligada até meia-noite, um dos carcereiros desligou a televisão às dez da noite, em meio a um programa musical, alegando muito barulho. Um dos detentos perguntou se podia continuar assistindo ao programa, com a televisão ligada em baixo volume. A resposta do carcereiro foi que os presos deveriam ir dormir de imediato. O detento prosseguiu argumentando, quando o carcereiro o agrediu e o levou para a cela de punição, onde o pau come.

Na manhã seguinte, vários guardas entraram no pavilhão e passaram a despertar todos os detentos a cacetadas, por "mau comportamento coletivo". Os detentos, para se defenderem, pegaram as camas e o que mais podiam, e procuraram empurrar os guardas para fora do pavilhão. Tendo conseguido o intento, trancaram-se do lado de dentro, deixando os guardas no corredor, separados pela imensa porta de grades que constitui a entrada ao pavilhão. Nesse meio tempo, o alarma havia soado e mais guardas apareceram, armados com bazucas de gás lacrimogêneo e metralhadoras. Os detentos passaram a atirar latas e copos de alumínio contra os guardas, através das grades. Os guardas responderam com o gás e, pouco depois, com as metralhadoras.

Resultado: entre 60 a 90 mortos, dos quais, mais da metade abatidos a tiros. O resto, queimado, pois o gás lacrimogêneo provocou um incêndio nos colchões e a tragédia foi consumada. Todos os sobreviventes saíram feridos e conduzidos ao hospital. Alguns deles estão agora neste pavilhão e outros, após um mês no hospital, estão com braços, pernas e partes do corpo para sempre marcados pelo fogo. Alguns, aleijados. Estes sobreviventes constituem minha fonte de informação, baseada na qual está esta denúncia. Alguns ainda estão no hospital, entre a vida e a morte. Em cada pavilhão, os presos fazem coleta de nomes para conseguir doadores de sangue. O diretor do presídio, para contribuir, dá de presente, um maço de cigarros para cada doador.

É importante mencionar que os presos aqui detidos não são condenados. Este é um presídio para os que ainda não foram julgados.

Tudo bem comigo. Saio logo (**Hélio Dias Pinto, Planta 3, Pabellon 9, Instituto de Detencion Penitenciário de Devoto U2, Buenos Aires, Argentina**)

“QUE EXU TIRIRI ESTEJA COM O REPORTER. NÓS, DO LADO DE CÁ, JÁ ESTAMOS”

(Nei Marcos Tanaami, São Paulo, SP)

Estamos nos dirigindo à Vossa Senhoria para pedir SOCORRO. Pode parecer grosseiro a primeira vista, mas pedimos que pelo menos leiam e analisem esta e os documentos anexos (cópias).

Em 1976, pagava-se, para estudar na Faculdade de Engenharia, de Cr\$ 800,00 à Cr\$ 1.200,00 por semestre, dependendo das matérias e cursos. A Faculdade de Engenharia, faz parte da

UDESC (Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina), que possui sua sede em Florianópolis. Nesta universidade, onde o medo e o suborno impera, os alunos mais audaciosos conseguiram milagrosamente constituir fundos e impetrar um mandado de segurança contra os atos do Reitor desta entidade. Este mandado foi impetrado porque o Reitor, que acumula o cargo de diretor da FECS

(Fundação Educacional de Santa Catarina) não respeitou a resolução do Conselho Federal de Educação nº 57/76, que dizia que as anuidades deveriam ser reajustadas em 35% para o ano de 1977.

O mandado de segurança resultou em favorável aos estudantes, mas o Reitor não acatou a ordem judicial e, quando estava se preparando o pedido de prisão do Reitor,

MOÇAMBIQUE: DIZEM QUE O REPORTER ROMPE CERCO

Recebemos aqui o nº 5 do *Repórter*. E do que mais gostamos foi das páginas consagradas ao levantamento das opiniões dos trabalhadores. A imprensa nanica, de forma geral, tem enfrentado o problema do "cerco" da classe média. Tradicionalmente, tem sido difícil fazer dos jornais da imprensa independente órgãos que vão além da classe média em geral, e, em especial, do movimento estudantil. É difícil mesmo superar este cerco. E vocês sabem melhor do que ninguém do peso dessas dificuldades.

Assim, a iniciativa de trazer a opinião de trabalhadores é bastante positiva. De um lado, e no mínimo, consegue-se trazer para a classe média intelectualizada a visão do horizonte em que se movem os trabalhadores. De outro lado, o que é mais importante ainda, há a possibilidade de que esse gênero de reportagens promova a divulgação do jornal no interior dos próprios trabalhadores. Estariam vocês, se isso for conseguido, rompendo o tal "cerco" social que continua ainda condicionando a dinâmica da imprensa independente.

Só faço uma sugestão: é que as entrevistas passem a ouvir principalmente gente que, de uma forma ou de outra, encontre-se engajada em iniciativa de caráter coletivo e organizado. Desde movimentos políticos organizados — movimento pela anistia, oposições sindicais, etc. — até iniciativas locais, do tipo times de futebol, escolas de samba não financiadas pelo Estado, clubes de mães, etc. Acho que a imprensa independente precisa valorizar este tipo de iniciativa — generalizar, divulgando, o esforço de organização, em qualquer nível. (DARF, Maputo, Moçambique)

o Secretário da Educação do Estado, que já foi diretor da Faculdade de Engenharia, tomou as responsabilidades pelas ações do Reitor. O juiz mandou o mandado para o Supremo Tribunal, em Brasília, onde espera a vez de ser julgado. Existem, aproximadamente, cinco mil processos na frente. (**Diretório Central dos Estudantes da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Jnta Catarina, Joinville, SC**)

Jornalista é ameaçado pelo ex-embaixador

Nesta oportunidade, e através deste documento que fazemos chegar às mãos de V. Exa., após considerarmos a relevância dos fatos e sua importância para toda a classe jornalística brasileira, vimos relatar em caráter de DENÚNCIA, para o procedimento cabível, o que vem de ocorrer como o signatário deste, no desempenho de missão profissional.

Jornalista profissional dos quadros da Sucursal-Rio da Folha de São Paulo e da revista O Cruzeiro, fui contratado pelo jornal semanário Voz de Portugal, em abril de 1977, para um trabalho jornalístico em torno de fatos que envolviam a Sociedade Financeira Portuguesa, entidade estatal do Governo Português;

Na execução do referido trabalho jornalístico de reportagem, iniciado em abril de 1977, reúni o material colhido em fontes acreditadas e que, aprovado pela direção do jornal Voz de Portugal, foi publicado na edição do dia 19 de maio do corrente ano de 1978, conforme exemplar anexo. Na mesma edição há editorial do mesmo jornal sobre o assunto.

Em decorrência da publicação do referido trabalho, nova missão jornalística me foi dada: a "suite", em termos de entrevistas com pessoas.

Foi no cumprimento desta nova missão de reportagem que procurei o ex-Embaxador

de Portugal no Brasil, e licenciado no quadro diplomático português, o senhor José Manuel de Magalhães Pessoa e Fragoso.

No seu endereço, fomos bem recebidos pela Secretária do Sr. Manuel Fragoso. Após nos identificarmos como jornalista José Cabral Falcão, em missão do jornal.

Em dado momento, O Senhor Embaixador saiu de seu gabinete, acompanhado de outro cavalheiro, a quem levou até o elevador. No retorno, dirigiu-se a nós e indagou secamente se queríamos falar-lhe. Ante a resposta afirmativa, deu-nos acesso, mas ordenou-nos que deixássemos o gravador que portávamos com a Secretária, do lado de fora.

Dentro do gabinete, amplo e luxuoso, a portas fechadas, o Sr. Manuel Fragoso declarou:

"NÃO TENHO NADA A DIZER. DIGA AO DONO DA VOZ DE PORTUGAL, ESSE ANTÔNIO MEIRINHO, QUE, SE ESTIVER MUITO INTERESSADO EM INFORMAÇÕES MINHAS, VENHA ENTREVISTAR-ME, SE TIVER CORAGEM."

"NÃO QUERO SABER SE O SENHOR ESTÁ EM MISSÃO JORNALÍSTICA E NÃO QUERO SABER SE O SENHOR É JORNALISTA OU REPÓRTER DE QUALQUER JORNAL OU O QUE SEJA. QUERO SABER SE O SENHOR TEM FILHOS."

Respondido afirmativamente, disse:

"ENTÃO, TOME CUIDADO COM A SUA VIDA. TOME CUIDADO COM A VIDA DOS SEUS FILHOS. EU TENHO FILHOS E AQUELA PESSOA QUE FUI LEVAR AO ELEVADOR É MEU FILHO. E ELE JÁ ESTÁ AVISADO SOBRE O SENHOR. PORTANTO, TOME MUITO CUIDADO COM A SUA VIDA E COM A VIDA DOS SEUS FILHOS. EU NÃO SEI O QUE POSSA LHERS ACONTECER. NÃO ME RESPONSABILIZO PELO QUE VENHA A LHERS ACONTECER DAQUI PARA A FRENTE."

Pondo-se de pé, punhos cerrados, S. Exa. o Senhor Embaixador apontou-nos a porta do seu gabinete, dizendo-nos:

PONHA-SE DAQUI PARA FORA! E NÃO BRINQUE COMIGO. TOME CUIDADO COM A SUA VIDA E A VIDA DOS SEUS FILHOS."

Dentro da nossa Pátria, pisando o nosso chão, o comportamento do Sr. Manuel Fragoso não é só uma ameaça contra nossa vida e à vida de nossos filhos, mas um atrevido desafio à classe jornalística brasileira, à Associação Brasileira de Imprensa e demais entidades classistas.

(resumo da carta aberta enviada pelo jornalista José Cabral Falcão ao presidente da Associação Brasileira de Imprensa. Sr. Barbosa Lima Sobrinho)

ATENÇÃO O HOMEM DELA É MARAVILHOSO!

"Venho por meio desta incentivar o REPORTER. Meu nome é Maria Teresa, tenho 22 anos, casada com um homem maravilhoso. Gosto do jornal. Ele é bacana, sem falsidade, sem hipocrisia e um jornal verdadeiro. Enfim, é um ótimo jornal. Pra quem gosta da verdade e do realismo, só pode ler mesmo o REPORTER. Por isso, estou incentivando vocês. Que sejam independentes e continuem mostrando ao mundo o que acontece. (Maria Teresa, São Paulo, SP)

Recado de Varginha: Concurso de Contos

O primeiro "Concurso Nacional de Contos de Varginha" é uma promoção da Livraria do Estudante Ltda., sita à Travessa Mons. Leônidas, 23, (CEP. 37.100), Varginha, MG.

As inscrições estarão abertas de 1º/06/78 a 31/08/78. Os trabalhos devem ser remetidos, com "AR" para a secretaria do concurso, na sede da Livraria do Estudante.

Podem concorrer todas as pessoas, residentes no Brasil ou no exterior.

Cada conto deve ser confeccionado em 10 vias, admitindo-se qualquer forma de reprodução: espaço dois, datilografado

em qualquer tipo, no máximo 10 laudas cada conto, sob pseudônimo e com envelope de identificação anexo.

Cada autor poderá enviar quantos trabalhos desejar, desde que separadamente, e com pseudônimos diferentes.

Os resultados serão divulgados a 7 de outubro de 1978, data de aniversário de Varginha.

A premiação consistirá em se editar um livro, reunindo os 15 melhores contos, o que poderá ser feito em co-edição com uma editora. Haverá classificação dos contos do 1º ao 5º lugar, e menção honrosa para os outros 10.

ASSINE

12

EDIÇÕES

Cr\$ 100,00

ALI. DIRETO. EM CIMA.
REPORTER.
UM JORNAL DE
CAPA E ESPADA.

REPORTER

Cupom de Assinatura

- Assinatura por 12 edições: 100,00
- Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rio: Rua Miguel Couto 134 — salas 1101 a 1104 — RJ — CEP 20.000
SP: Rua Barão de Jaguaribe 25 — conjunto 31 — SP — CEP 01224

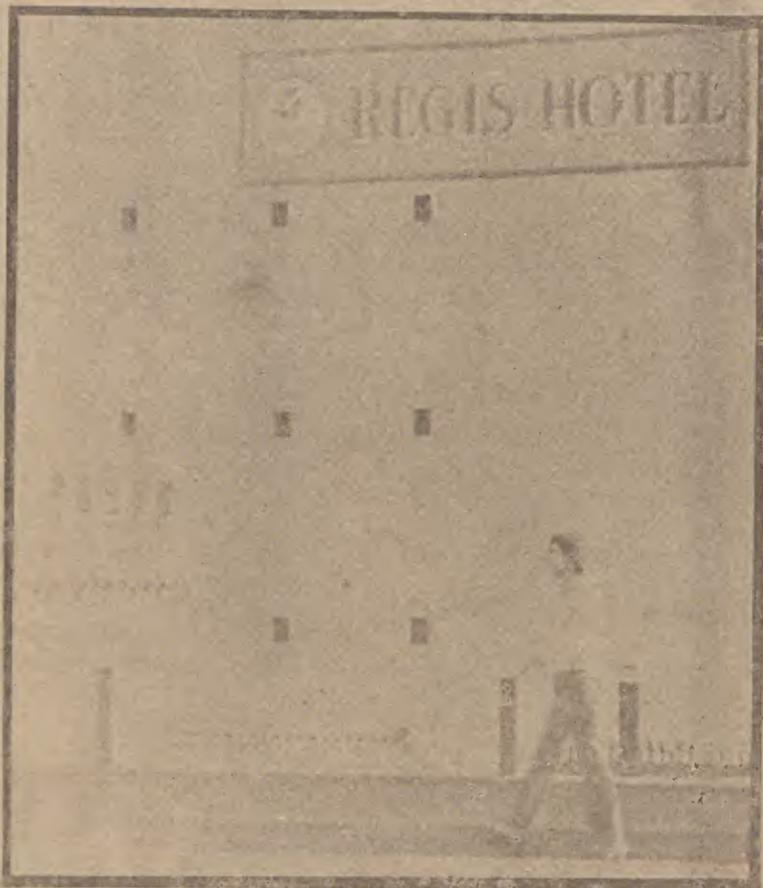
Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura.....

Nome:
Profissão:
Endereço:
CEP: Cidade: Estado:

LEITORES

“Tenho visto o **REPORTER**, que eu diria nanicagem: mistura de nanica com linguagem afiada, em cima, no berro. Ótimo. Na barra. No berro. Desterro. Lugar nenhum. Todas as partes. Nosso lugar. Envio meu novo (saiu agora) **Regis Hotel e Caspa**.

(Régis Bonvicino, São Paulo, SP)



“VOCÊS NÃO MERECIAM PASSAR ESTA VERGONHA”

Desde que li o primeiro número de **REPORTER**, venho tentando escrever parabenizando-os por um jornal que fala de tudo, apoiado numa coisa, que muita gente não parece conhecer, a **LIBERDADE DE IMPRENSA**. É vergonhoso o que um profissional tem que passar para satisfazer uma meia dúzia de desgostosos. Vocês formam uma formidável equipe e sei que o pessoal que lê o jornal de vocês está unido e torcendo,

para que isso que aconteceu ao número cinco, não venha a acontecer novamente. Estamos com vocês para o que der e vier.

Gostaria de pedir a vocês, se não for encher o saco, de ajudar este iniciata a poeta publicando duas das cento e poucas que estão apodrecendo sem ter quem as publique.

João Carlos V. Salsse,
Rio de Janeiro, RJ

• *Publicamos uma, João.*

DELÍRIO DE UM DESABAFO

Não encontro água neste poço
Não encontro a fé nesta canção
Não encontro a luz que ilumine
meu desabafo fora de ocasião.

Não retruco ao saber de toda impaciência
Não retruco em violar a lei dos meus costumes
Não retruco ao vomitar o que está preso,
meu desabafo para fora com legumes.

Num delírio de um desabafo
Eu faço festa, eu me canso com quem me caça.
Num delírio de um desabafo
A longitude não pesa, eu falo e eu faço.

A cachaça que tomo é o café de todo o dia
A cachaça que tomo é o suor que desce
A cachaça que ferve quando digo o que sinto,
no meu desabafo nada diminui, nem nada cresce.

No mês de maio nasceu um novo jornal neste país. Nasceu de uma conscientização comum às pessoas que participaram da iniciativa: a consciência, ainda incipiente dos problemas do Vale do Jequitinhonha e do isolamento/ esquecimento da região, que aprofunda/ adia ainda mais a superação de seus problemas.

Somos um grupo de pessoas, todos do Vale, nele nascidos, nele morando ou em Belo Horizonte estudando, para depois ao Vale voltar. Pretendemos escrever reportagens, fazer entrevistas, sempre sobre questões do Vale, abordando as manifestações de cultura, os trabalhos que lá se desenvolvem com o objetivo de modificar a economia, a política e as condições sociais de vida da região.

Atenciosamente,
GERAES.

GERAES

ANO 1 NÚMERO 1 VALE DO JEQUITINHONHA MAIO DE 1978 CDF \$ 5,00



ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS: UNIÃO PARA MELHORAR AS CONDIÇÕES DE VIDA

pág. 6 e 7



PECUARISTA FALA SOBRE PROBLEMAS DO VALE

pág. 5 e 4



REFLORESTAMENTO

UMA QUESTÃO

DA TERRA

pág. 8 e 9

POIS É

O NÚMERO 6 FOI O PIOR

“Acompanhei pela chamada grande imprensa a corajosa luta de vocês contra a censura e, com alegria, vi de novo nas bancas o já nosso **REPORTER**.

O número 6 está ligeiramente inferior aos anteriores, mas, mesmo assim, está muito bom, principalmente

considerando a situação enfrentada.

Foi uma grande sujeira da Editora Três o lançamento de uma revista, aproveitando-se do nome que vocês já conseguiram firmar. Meus pêsames a esta editora e minha solidariedade a vocês. (Adilson José Pereira de Lima, São João de Meriti, RJ)

GOSTOU E PEDIU BIS

“Fiquei muito contente, vendo, pela primeira vez, um poema meu publicado. Acho importante e muito bom que o público possa participar efetivamente no jornal. Mando, agora, mais dois poemas e também alguns dados pessoais: **Sônia Aguiar**, 28 anos de briga, secretária, 2º grau mal feito e incompleto. Um beijo.

• *Sônia, resolvemos dar espaço para autoras de poemas que ainda não tinham sido publicados. Recebemos seus dois novos poemas e vamos publicá-los no próximo número.*

CLASSIFICADOS

• Com o desejo de colaborar com as jovens mães que estudam ou trabalham fora, passamos a seguir a falar sobre um novo esquema de trabalho de nosso Colégio — que há 28 anos se dedica à Educação.

O **Colégio Nossa Senhora das Vitórias** recebe crianças a partir de 3 meses, em regime de semi-internato, ou não. Não se trata propriamente de uma Crèche. É nossa intenção oferecer às mães uma casa onde deixar seu filho por algum espaço de tempo.

Nossa Casa fica em Botafogo — rua Dona Mariana, 143/149, — com o telefone 266-3368. Temos uma área com mil metros

quadrados, para recreação, ambiente e pessoal que favorecem o desenvolvimento nas áreas físico-motor, intelectual, emocional e pessoal-social.

Nosso Serviço inclui ou não alimentação, assistência médica e pedagógica e aulas de arte. Dispõe ainda de uma enfermeira e duas babás, para cada dez crianças.

A mamãe poderá ver seu filho em sua hora de almoço, ou mesmo, em qualquer hora que lhe seja possível.

Com esse esquema de trabalho, temos certeza que nossa Casa será vista pela mamãe e pela criança, como a casa da querida “títia”

"EI : VAMOS FALAR DE FOME E PRESSÕES"

"Fico entusiasmada quando vejo nas bancas o **REPORTER**. Isso mostra que vocês têm garra e persistência e estão lutando para cumprir a verdadeira função do jornalismo, que é a de formar opinião e contribuir assim para a formação de uma consciência de classe. Dentro do atual quadro da imprensa brasileira, com a maioria dos jornais vinculados e servindo aos interesses das empresas globais (multinacionais), o jornal **REPORTER** tem dado um exemplo de coerência e discernimento na escolha das matérias, por apresentar a realidade de 90% da população e não dos privilegiados 10% restantes.

Gostaria de sugerir que vocês entrevistem o pessoal que chega do Norte e Nordeste para tentar a vida nas metrópoles, os posseiros e os Índios que estão sendo usados como massa de manobra pelos latifundiários em vários lugares do Brasil e o pessoal que está em greve lá na região do ABC paulista. É sempre bom informar sobre as

fomes e tudo quanto é pressão, que este pessoal tem sofrido. Tudo isso serve para mostrar aos que estão por cima, que o pessoal oprimido não é tão passivo e burro quanto eles querem que eles sejam.

Como futura jornalista, coloco-me à disposição de vocês para qualquer colaboração que vocês precisem. Além disso, pretendo me iniciar na profissão num jornal como o de vocês, chamados de nanicos; eu prefiro sin-ceros.

Acho muito bom também este espaço enorme e destacado que vocês dão às cartas dos leitores. Por isso, à exemplo de um deles mando, para vocês um dos meus rabiscos. Se vocês publicarem, ficarei muito contente, pois será a primeira vez que algo escrito por mim é publicado.

Continuem em frente que há ainda muita coisa prá ser mudada. Estou com vocês e não abro!!!

Isabel Maria Furtado,
Rio de Janeiro, RJ.

MENDIGO

Mão estendida
Olhar suplicante
Rosto humilhado
Coração cheio de chagas
Seu apelo é sincero ou verdadeiro?
Nem ele mesmo sabe...
Usa sua mente ou seu corpo aleijado
Ferindo a consciência e despertando a falsa piedade que em suas mãos despeja o dinheiro.
Ele quer abrigo,
dão-lhe um banco de praça.
Ele quer o amigo,
mas todos zombam e acham graça
por crerem ser muita a pretensão do mendigo.
Ele também é um ser humano
por mais que as pessoas queiram negar.
Ele está sujeito aos mesmos enganos
a beber sua taça de dor
e se amargar.
Foi condicionado, ajustado
ao seu modo de viver, ao seu status
pois uma virada de mesa pode incomodar.
Sua posição no mundo
seja ela qual fôr
interesseira, humilde ou pessimista
Quem se importa em lhe perguntar?
Ninguém se aproxima para saber a razão de sua dor
Todos temos a nossa a nos devorar
E na dos outros não queremos nem tocar.

E a tal da Reporter 3?

Aqui em São Paulo apareceu uma revista com o mesmo nome deste tablóide. Mas, à primeira vista, percebe-se que há uma grande diferença entre rótulo e conteúdo. Fico me perguntando se esse fato não é falta de ética, já que visivelmente, a tal revista tem esse nome para atrair os inúmeros leitores que se viram privados momentaneamente desse Jornal, por mais uma ação depredatória da censura. Envio o meu voto solidário, na expectativa de que o **REPORTER** (este) continue sempre vivo e atuante. (Antonio Jeová S. da Silva, São Paulo, SP)

esse jeito
de meia-armador
(cerebral
distante)

é pra disfarçar
a vontade
de ser

goleador
poeta
centro-avante

Régis Bonvicino,
São Paulo, SP

DEPOIS DA QUEDA

OU

JOÃO JOSÉ

MEU NOME É JOÃO
HERDEIRO DA TERRA.
MEU NOME É JOSÉ
PRESENTE NA GUERRA.
MEUS OLHOS MATÉRIA
DE CIRCO E JANELAS,
DORES PRISIONEIRAS
NO PEITO AQUECIDAS
EM DIAS DE LIDA
BATALHA E COMIDA;
MEU NOME É DE HOMEM,
DE FÉ TAL CRIANÇA,
MEU NOME É ESPERANÇA
FEITO MULHER,
SOU TODOS UM SÓ,
DO NADA EM PRANTOS,
SILENCIOSO E DOS CANTOS
SOU ATÉ FEITO SANTO
CRUCIFICADO E SÓ.
SOU FEITO O BIABO,
ENCARDIDO E SAFADO,
SOU FOGO SOU ÁGUA
SOU FEITO SEMENTE
NA SECA NASCENTE
SOU ATÉ FEITO GENTE

Ana Morena,
Rio de Janeiro, RJ

"HOJE EU ESTARIA COM OS ESTUDANTES"

"Vocês estão de parabéns pelo jornal. É isso aí. O negócio é ir em frente (como o nosso país). De minha parte estou torcendo para que as forças ocultas da natureza não dificultem mais a circulação e a escalada desse jornal, que se transformou na melhor opção dentro do seu estilo.

O n.º 4 do **REPORTER** me deu uma luz terrível sobre os idos de 68, pois naquela época ainda era gurí e não sacava nada daquelas agitações. Só sei que hoje estaria com os estudantes.

Aproveitando a deixa, aqui vai o meu protesto contra os amados jogadores da seleção

brasileira, que estão querendo um prêmio de um milhão de cruzeiros, caso eles levarem a Copa. Detalhe: essa grana seria para cada jogador. Agora, imaginem vocês, enquanto nós, 120 milhões de brasileiros, estamos enfeitando as ruas com bandeirinhas, foguetes e milongas mil, torcendo terrivelmente para eles ganharem essa fábula de dinheiro, enquanto os mesmos 120 milhões estão morrendo de fome. É! Mas afinal o futebol é a coisa mais importante desse país.

E agora para aliviar a minha dor e aumentar o desespero de vocês, também vou mandar a minha colaboração poética"

CORAÇÕES DO SUL

Não chore amigo/Não chore amigo/Que teu desespero tem no meu peito um abrigo.
Se for preciso dou a louca/Tiro a roupa/E enlouqueço
Vou para a praça/pago o preço e peço o milagre
Enxugo o suor/E contigo bebo o vinagre
Pra satisfazer os Marcianos/Que querem a todo pano nos fazer chorar lágrimas de sangue
Enquanto eles voam pelo ar em seus maravilhosos Mustang!
Não chore amigo/Não chore amigo/Que tua dor tem na minha um abrigo.
E se mesmo assim/não for o fim/e a máscara não cair
E a força continuar/Como uma doença/Que não podemos curar
Chame o carrasco/ E lhe ofereça o pescoço
Até quebrar o último osso e depois voe tranquilo para o céu/Em um véu azul e para sempre esqueça/que perdeu a cabeça por causa desses corações do sul.
E não chore nunca mais amigo/E não chore nunca mais
Pois Deus estará contigo/E comigo numa eterna paz.

César Evangelista Berilo
Rio de Janeiro, RJ

OLHAÍ O POETA DO POVO DANDO O RECADO

"Venho solidarizar-me a vocês na luta contra a se tornou o nanico mais popular do Rio.
arbitrariedade de certos elementos que pretendem assim calar a boca deste conceituado jornal que, dentro de pouco tempo, já Anexo algumas contribuições deste poeta do povo que muito quer a vocês"

Alfredo Rangel,
Rio de Janeiro, RJ

GRITOS NA NOITE

Gemidos do homem na noite
Do homem que foi espancado
Gritos cortando o silêncio
Minha mente sangra...

Quem sabe o motivo do crime?
O pelo homem cometido já não importa
Covardemente espancado
É um homem algemado que grita,
Rompendo o silêncio da noite.

E o sangue escorre vermelho
Como a bandeira dos revoltosos futuros
Que calarão para sempre os gritos,
Os gritos que cortam as noites,
Que ferem as mentes sensíveis.



Brasileiros torturados ao vivo e a cores, via Embratel

BRASIL NA COPA

A TORTURA CONTINUA

1º TEMPO

Presença de Amaral na entrada da grande área... Para Nelinho, inteiro no seu vídeo. É o Brasil procurando o ataque com Cerezo. Para Reinaldo livre na intermediária... Tenta o drible... Corta-a defesa. Você viu Rivelino caído no grande círculo... O contra-ataque europeu é rápido... Lançamento nas costas de Edinho... Oscar na cobertura, boa intervenção. O Brasil se arruma na defesa. Agora Batista com a bola... Pra Dirceu ainda no campo do Brasil. Cerezo escorrega e não domina... É lateral.

— O Coutinho faz tanta lavagem cerebral nos jogadores que eles acabaram esquecendo o futebol. Esse negócio de overlápide e de circo treinin, brasileiro não entende, não. (Mário Paixão, técnico de TV).

Passou por Toninho... Ganha terreno pela ponta... Centro perigoso... Leão salva no susto... Corner na esquerda... O cruzamento... Falha Abel... CABEÇADA NA TRAVE... Observe no replay... A defesa brasileira parou pedindo impedimento... Eles se esqueceram que não tem impedimento em escanteio.

— Coutinho disse que ia jogar com polivalente e está jogando com polimedroso. Não deram Vitasay pro jogador do Brasil, eles só tocam a bola pelas laterais. É melhor parar este jogo e fazer uma tourada (O mesmo Paixão, que no jogo Brasil e Suécia foi expulso da sala da TV por "ter quebrado a corrente").

35 da primeira. Movimento no banco do Brasil. Jorge Mendonça começa o aquecimento. Olha aí o ataque do Brasil... Gil ganha na dividida... Pode avançar mas para e atrasa a bola.

— Esse time não tá com nada. Na copa, o povo fica anestesiado e esquece seus verdadeiros problemas (Lucivaldo, corretor de imóveis).

O juiz já consultou o seu cronômetro. Zé Sérgio tem um boqueirão pela frente... Solta longo... Rodrigues Neto no overlapping... Muda o jogo pra direita... Nelinho... De fora da área... NA TRAVE... Rebote de Reinaldo... CHUTA EM CIMA DO GOLEIRO... Rivelino... Atirou... É GOOOOOOOOOLL DO BRASIL... Não, não, não valia mais nada. O juiz já tinha terminado o primeiro tempo.

REPORTER

UM JORNAL QUE NÃO RECLAMA DO CAMPO

2º TEMPO

Saída do Brasil. Vocês viram Jorge Mendonça ainda no aquecimento. O time voltou sem alteração. Bola com Cerezo... Dirceu... Mais atrás pra Oscar... A bola volta pra Leão.

— Eles não tão esquentando a cabeça porque têm comida de graça, hotel de graça, roupa de graça e câmera de televisão de graça pra focalizar eles pros otários aqui (um balconista de uma loja que conserta TV).

Você pode reparar as mudanças táticas no Brasil. Zico volta pra dar o primeiro combate... Reinaldo recuou e Edinho se planta na defesa. A bola está com Dirceu na intermediária do Brasil.

— Pode pegar o Coutinho, botar dentro de um quartel, que ele entende é de soldado. Acho que nem de soldado ele entende. Bota ele pra lavar

cavalo (Mário Paixão, o técnico de TV).

O Brasil não tem a agressividade do primeiro tempo. Rivelino sendo atendido de fora do gramado, junto a Jorge Mendonça ainda se aquecendo.

— Eu não entendo nada. Tô correndo mas é pra ir ao festival do chope (faixineira do hospital Miguel Couto).

— Futebol é a maior distração, é a maior diversão, aqui tá todo mundo na maior atividade que o Brasil ganha (doente do mesmo hospital).

O tempo está no fim. O Brasil avança pela direita, aliás como sempre. Não tem ninguém na esquerda. Reinaldo fica só no meio. Aí está ele no seu vídeo... Toque pra Toninho, QUE NÃO ENTENDEU. É lateral contra o Brasil.

— Todo mundo de cacete na mão/ Esperando Coutinho/ Lá no Galeão (Marchinho "Pra Frente Brasil" com o técnico Paixão).